



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Mariana Aparecida Apolinário

**Estudos preliminares sobre cartilhas
produzidas na década de 30 e seus métodos de
alfabetização.**

CAMPINAS

2012



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Mariana Aparecida Apolinário

**Estudos preliminares sobre cartilhas
produzidas na década de 30 e seus métodos de
alfabetização.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para a
conclusão da graduação pela Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação da Prof^a. Dr^a.
Norma Sandra de Almeida Ferreira.

CAMPINAS
2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Ap43e

Apolinário, Mariana Aparecida, 1988-
Estudos preliminares sobre cartilhas produzidas na
década de 30 e seus métodos de alfabetização / Mariana
Aparecida Apolinário. – Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Norma Sandra de Almeida Ferreira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Cartilhas. 2. Métodos de alfabetização. 3.
Alfabetização – Brasil - História. I. Ferreira, Norma Sandra
de Almeida, 1950- . II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

12-232-BFE

Dedicatoria

Dedico este trabalho aos meus pais, João e Tereza, que sempre me incentivaram a “novas aventuras”, a minha irmã Isabela e ao meu namorado Lucas.

Agradecimentos

A Deus, pela minha vida e por sempre me guiar, iluminando meu caminho e por me dar a oportunidade de cursar a faculdade que sempre sonhei.

Aos meus pais, meu “porto seguro”, por estarem sempre ao meu lado, me dando apoio e por contribuírem para a minha formação pessoal e profissional. Não estaria onde estou hoje se não fosse por vocês. Agradeço também pelo amor incondicional e por sempre acreditarem em mim, sendo meus melhores torcedores.

A minha irmã, pela força e orgulho. Por também sempre acreditar em mim e dividir tudo comigo, por toda a minha vida. Você sempre será meu “amor maior”.

A todos meus familiares, tios (as), primos (as) e minha avó Assumpta, pela grande torcida, por todo o carinho e compreensão e por proporcionarem tantos momentos de felicidade. Em especial aos meus avôs, João e Francisco, pela certeza de estarem sempre olhando por mim daí de cima.

Ao meu namorado Lucas, pela paciência e compreensão, por acreditar em mim e por dividir comigo os momentos mais simples, fazendo meus dias mais felizes.

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Norma Sandra de Almeida Ferreira, pela dedicação, paciência e empenho em direcionar e orientar meu caminho.

A Ilsa, por ter aceitado ser minha segunda leitora.

A todas as minhas amigas e a todos os colegas de curso, em especial Lígia, Lá, Gi e Aline, com quem vivi maravilhosos quatro anos e que tanto me apoiaram, me incentivaram e me ajudaram durante todo esse percurso da graduação. Meninas saibam que não teria sido o mesmo sem vocês.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e minha formação.

“A amizade da leitura não está em olhar um para o outro, mas em olhar todos na mesma direção. E em ver coisas diferentes. A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto. E em dizê-lo. Mas para que essa liberdade seja possível, é preciso entregar-se ao texto, deixar-se inquietar por ele, e perder-se nele”.

Jorge Larrosa

SUMÁRIO

Resumo.....	1
1. Introdução.....	3
1.1 Um pouco da história da doadora das cartilhas.....	10
2. A história dos métodos segundo Mortatti (2000).....	15
3. Tomaz Galhardo.....	18
3.1 Cartilha da Infância.....	19
4. Arnaldo de Oliveira Barreto.....	32
4.1 Cartilha Analytica.....	34
5. Cartilha Intuitiva.....	46
6. Benedicto M. Tolosa.....	55
6.1 Cartilha de Alfabetização.....	57
7. Cartilha Meu Amigo.....	63
8. Valfredo A. Caldas e Faria e Souza.....	73
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
11. ANEXO I	82

RESUMO

Na atualidade as escolas se deparam com um novo conceito no ensino da leitura e escrita: o letramento. Com este conceito, reflete-se em “como alfabetizar”, por pensar em alfabetização e letramento como processos indissociáveis e interdependentes, diferentemente da concepção tradicional de alfabetização (métodos sintéticos e analíticos), que os veem como dois processos independentes.

Este trabalho tem como objetivo apresentar e descrever cinco cartilhas, produzidas na primeira metade do século XX, seus autores e métodos de alfabetização adotados neste período de ensino. Foram analisadas as seguintes cartilhas: *Cartilha da Infância* – Tomaz Galhardo (1939); *Cartilha Analytica* – Arnaldo Barreto (1930); *Cartilha de Alphabetização* – Benedicto Tolosa; *Cartilha Intuitiva* – Faria e Souza (1936) e *Cartilha Meu Amigo* – Valfredo A. Caldas (1935). O trabalho contextualiza cada cartilha segundo as fases na história da alfabetização descritas na pesquisa de Mortatti (2000), além de buscar compreender a importância desse recurso didático nas relações de ensino e no ambiente escolar.

O fato das edições dos exemplares das cartilhas analisadas encontrarem-se produzidas no período de 1929 a 1936 permite considerar que o método analítico de alfabetização teve mais aceitação no mercado editorial e circulação no ambiente escolar, porém outros métodos coexistiram neste mesmo período; por mais que o Estado aprovasse ou indicasse um determinado método de ensino, havia a aplicação de métodos anteriormente aplicados pelos professores, como a soletração.

Para isso a pesquisa se apoiará nos estudos de Frade (2008) (2004), Mortatti (2000) (2004), Soares (2008), entre outros.

Palavras-chave: Cartilhas; Métodos de alfabetização; História da alfabetização no Brasil.

ABSTRACT

Currently, a new concept emerges: "lettering". With it, to reflect on "how to teach literacy," we think of literacy and "lettering" as inseparable and interdependent processes, different from the traditional concept of literacy (synthetic and analytical methods), presented in this work, which see them as two independent processes.

This work has an intention to present and describe five booklets, produced in the first half of the twentieth century, their authors and literacy methods adopted this teaching period. We analyzed the following primers: Cartilha da Infância – Tomaz Galhardo (1939); Cartilha Analytica – Arnaldo Barreto (1930); Cartilha de Alfabetação – Benedicto Tolosa; Cartilha Intuitiva – Faria e Souza (1936) e Cartilha Meu Amigo – Valfredo A. Caldas (1935). The work contextualizes each primer according to the phases in the history of literacy (Mortatti, 2000) and beyond to try to understand the importance in relations since didactic resource for teaching and the school environment. Like all editions of the specimens are analyzed in the period from 1929 to 1936, concluded that the analytical method seems to have more acceptance in the publishing and circulation in the school environment, but different methods coexisted in the same period, while, for more than the state approve or indicate a particular method, there was the movement of many others.

Keywords: Booklets; Methods of literacy; History of literacy in Brazil.

1. INTRODUÇÃO

Quando comecei a estagiar, identifiquei-me com a profissão de pedagoga e foi a partir do estágio de ensino fundamental em uma sala de 1º ano, realizada durante um ano letivo (que ocorrera em meu 3º ano de graduação) que a alfabetização chamou minha atenção. Foi então que comecei a me aprofundar no assunto, despertando cada vez mais a minha curiosidade. Fiz muitas leituras durante todos os semestres e decidi abordar no meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) a temática alfabetização.

A forma como as crianças descobrem e se inserem na cultura letrada, a forma como conhecem o mundo da escrita, o uso das palavras, sua ortografia, foram reflexões principais que nortearam essa minha busca.

Um livro muito importante que se destacou em primeiro momento de estudo foi o da Ana Luiza B. Smolka *A criança na fase inicial da escrita: A alfabetização como processo discursivo* (2008), em que a autora analisa o contexto, pensa a alfabetização em termos de interação e interlocução questiona e reflete sobre o que realmente importa no ensino da leitura e escrita: a diversidade dos métodos, a diferença nas práticas, nas variedades da técnica ou a dispersão dos interesses.

Ao pensar nas relações de ensino, podemos pensar, primeiramente, na escola como um ambiente de vivência e aquisição de aprendizagem, como essas relações se tecem de forma diferente em cada ambiente escolar, que é único e tem suas particularidades.

Segundo o artigo de Correa e MacLean *Aprendendo a ler e a escrever: a narrativa das crianças sobre a alfabetização*, a autora apresenta uma visão do papel da escola, que:

Ao mesmo tempo em que proporcionaria à criança as situações significativas de aprendizado do saber formal que é encarregada de transmitir, caberia, também, à escola levar essa mesma criança a valorizar a situação escolar como sendo um dentre os múltiplos contextos de aprendizagem possíveis para o seu desenvolvimento. (CORREA E MACLEAN, 2003.).

Pensando na escola como um ambiente conforme o citado acima, podemos pensar no como se constrói ou se articulam os seus “saberes”, nos conhecimentos que ela se encarrega de constituir com as crianças. No que diz respeito à alfabetização, partimos de princípio de que ela seja um processo de apropriação, já que as crianças não se adaptam à linguagem escrita, mas sim se apropriam dela, tomando para si esse conhecimento; ou seja, a prática educativa da alfabetização se torna a mediadora desse processo. A alfabetização é um processo histórico e social de formação da linguagem escrita. Pensar em alfabetização pressupõe levar em conta toda a sua história.

E foi pensando na alfabetização, pela perspectiva histórica que busquei, através de diferentes fontes bibliográficas, fazer uma reflexão mais sistemática sobre o processo de alfabetização, marcado e estruturado por ações sociais e históricas.

Ao tomar como objeto de estudo as cartilhas de alfabetização, sob a orientação da professora Dr^a. Norma Ferreira, decidimos, devido à abrangência do tema, delimitar minha pesquisa em cinco exemplares que haviam sido doados ao grupo ALLE¹. São eles: *Cartilha da Infância – Tomaz Galhardo*; *Cartilha Analytica – Arnaldo O. Barreto*; *Cartilha de Alphabetização – Benedicto M. Tolosa*; *Cartilha Intuitiva – Faria e Souza*; e por fim *Cartilha Meu Amigo – Valfredo A. Caldas*.

¹ Grupo de pesquisa ALLE (Alfabetização, leitura e escrita) vinculado a Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

A partir da delimitação do *corpus* da pesquisa, assumimos por objetivo de apresentar as configurações textuais de cada cartilha, conhecendo um pouco sobre elas e seus autores, como também compreender a importância desse recurso didático nas relações de ensino e no ambiente escolar, refletindo a respeito de como um material que foi usado por décadas permanece até os dias de hoje.

Assim, o trabalho se propõe a estudar minuciosamente cada uma das cartilhas e, trazendo pensamentos de diversos autores (que foram professores, educadores), procurarei analisá-las em sua estrutura (descrevendo sua materialidade), seus conteúdos, situando-as no momento histórico em que elas foram produzidas.

Durante a elaboração desta pesquisa, me indaguei: Por que estudar cartilhas? Qual a contribuição desse trabalho? Primeiramente, podemos pensar no fato de que, “desde a criação do Instituto Nacional do Livro, em 1929, o livro didático tem circulado em escala crescente no cenário nacional” (Cardoso, 2011). Assim, vemos a importância deste instrumento no ambiente escolar, presente até os dias atuais; o livro didático é elemento fundamental na “cultura material escolar”.

(...) a nacionalização do livro didático, que vem ocorrendo no Brasil desde o final do século XIX, acompanhada do surgimento e da expansão do mercado editorial brasileiro “*que na escola encontra espaço privilegiado de circulação e público consumidor de seus produtos*” (Mortatti, 2000, p.42). (CARDOSO, 2011).

Se por um lado a opção por este estudo se baseou no fato de que cada cartilha é a materialização de um método de alfabetização e acredito que conhecê-los de forma mais aprofundada pode me auxiliar em minha formação como pedagoga. Por outro, as cartilhas de modo geral, em sua maioria, são estudadas na

história da educação porque alfabetizaram várias gerações de crianças no nosso país.

Para ajudar na contextualização do tema, optei por trazer alguns estudos que também trataram dos assuntos relacionados a este trabalho: cartilhas, livros didáticos e alfabetização.

No livro *Emilia Ferreiro e a alfabetização no Brasil: um estudo da psicogênese da língua escrita*, Mello (2007) procura compreender os pensamentos da pesquisadora argentina **Emilia Ferreiro** e a contribuição de seus estudos para a história da alfabetização no Brasil. A autora faz uma análise da configuração textual do livro de **Ferreiro e Teberosky** "*Psicogênese da língua escrita*", constatando que este livro é um marco do pensamento construtivista na alfabetização e que, até os dias de hoje, ainda está presente nas discussões sobre alfabetização em nosso país.

No TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado *Um estudo sobre Cartilha Analytica, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925)*, Bernardes (2003) tem como objetivo contribuir para a compreensão dos conceitos e princípios básicos do método analítico para o ensino da leitura, defendido por Arnaldo O. Barreto, por meio de análise da configuração textual da cartilha mencionada. A autora conclui que esta cartilha apresenta aspectos que concretizam esse método, defendido por Barreto como o mais eficiente; e também, que o autor teve uma intensa atuação profissional e grande produção escrita, tendo exercido grande influência, por mais de cinco décadas, sobre educadores e profissionais da educação em nosso país.

Em outro trabalho intitulado *Um estudo sobre A leitura analytica (1896)*, de *João Köpke*, cujo objetivo é compreender os princípios e concepções do método analítico para o ensino de leitura e, assim, contribuir para a compreensão da história

da alfabetização no Brasil, Ribeiro (2001) traz os pensamentos do professor João Köpke através da análise da configuração textual da versão impressa da conferência *A leitura analytica*, proferida em 1896. A autora conclui que o pensamento de Köpke, sobre o ensino da leitura

(...) se fundamenta em determinados princípios sobre o modo de processar o método analítico, incidente sobre a necessidade de se considerar o discurso como unidade de sentido no processo inicial de leitura e escrita. Tal pensamento [...] permite que se considere João Köpke como um precursor com relação a esse ensino. (RIBEIRO, 2001, p.45).

Na pesquisa *Um estudo sobre Na Roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935)*, de Renato Sêneca Fleury, Messenberg (2008) tem como objetivo contribuir para a compreensão de um momento importante da história do ensino de leitura e escrita no Brasil, focalizando-se no ensino apresentado na cartilha mencionada acima. Através de uma abordagem histórica centrada em pesquisa documental e bibliográfica, a autora analisa a configuração textual da cartilha, enfocando todos os aspectos constitutivos de sentido apresentados nela. Messenberg (2008) busca apresentar as características do método misto de alfabetização, que é o método proposto pelo autor desta cartilha, bem como a importância da atuação profissional e produção didática do professor Renato Sêneca Fleury.

No TCC *Um estudo sobre Cartilha da Infância (188?)*, de Thomaz Galhardo, Santos (2008) objetiva contribuir para a história da alfabetização em nosso país, focalizando a proposta de ensino presente na cartilha de Galhardo. A autora analisou a configuração textual da obra, constatando importantes aspectos da concretização do método silábico, defendido pelo autor da cartilha como o mais adequado para o ensino de leitura e escrita naquele momento histórico.

No artigo “Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular”, Mortatti (2000) analisa a relação entre cartilhas de alfabetização e cultura escolar, problematizando-a desde os seus desdobramentos na história da educação e alfabetização no Brasil, a partir do século XIX. Segundo ela, com a organização republicana da instrução pública há um grande movimento de “escolarização das práticas de leitura e escrita”, surgindo as primeiras cartilhas de alfabetização produzidas por brasileiros, e com isso, vem a questão dos métodos. Mortatti apresenta os diferentes métodos de alfabetização: sintéticos (soletração, fônico e silabação) e analíticos (palavração, sentencição e “historieta”), utilizados em nosso país; ela também traz exemplos do uso destes métodos, reescrevendo algumas páginas de cartilhas muito difundidas neste período. A pesquisadora conclui refletindo sobre o acesso que, desde a última década do século XIX, vem sendo “prometido a cada nova geração”. E nos convida a refletir também:

Será a cartilha de alfabetização um *mal necessário*, de fato? Que outras concepções, que outras práticas, que outros conteúdos, que outras finalidades de alfabetização, que outras formas de acesso ao mundo da cultura seriam possíveis, no sentido de romper com esse pacto secular? (MORTATTI, 2000, p.51).

Meu trabalho tomou como objeto de investigação cinco cartilhas: “*Cartilha da Infância*” (1939), de Tomaz Galhardo; “*Cartilha Analytica*” (1930), de Arnaldo Barreto; “*Cartilha de Alphabetização*” (193?), de Benedicto Tolosa; “*Cartilha Intuitiva*” (1936), de Faria e Souza; e “*Cartilha Meu Amigo*” (1934), de Valfredo A. Caldas. Ao olharmos para elas, segundo a perspectiva apontada por Mortatti podemos afirmar que elas foram publicadas em momentos distintos deste debate sobre alfabetização. A *Cartilha da Infância* de Tomaz Galhardo, por exemplo, que analisarei mais à frente deste trabalho e que se caracteriza como uma das primeiras “concretizações” do

método sintético baseado na silabação, foi escrita na década de 1880, portanto ela faz parte do primeiro momento descrito por Mortatti (2000). Segundo essa autora, neste momento, com o grande número de analfabetos, havia uma preocupação com a educação no sentido de como melhorá-la. A fim de implementar mudanças, foi promulgada a reforma “Leôncio de Carvalho” (decreto de 19 de abril de 1879) que propunha inovações de caráter liberal, como a obrigatoriedade da educação primária, o auxílio em vestuário e livros aos alunos pobres, entre outras, muito parecida com as ideias de livros estrangeiros. Todavia, muito pouco do que constou no Decreto foi executado, mas podemos ver que Leôncio de Carvalho entendia que muito havia a ser feito para haver um impulso na educação. Dentre as medidas tomadas por ele, devo destacar para este meu trabalho, a liberdade de ensino, que possibilitaria a “todos que se sintam capazes, expor suas ideias segundo o método que lhes parecer mais adequado” (CARVALHO, 1879).

Ainda sobre a *Cartilha da Infância*, quero enfatizar que, apesar de se basear no método sintético e de haver grande disputa e concorrência entre tantas outras cartilhas e métodos de alfabetização que foram publicados no segundo momento, e apesar também das diversas novas urgências sociais e políticas, ela continuou a ser utilizada até o final do século XX, em grande parte das escolas primárias do Brasil.

Já as cartilhas *Meu Amigo* (1931) de Valfredo A. Caldas e *Cartilha Intuitiva* (1936) de Faria e Souza, também estudadas e analisadas mais à frente deste trabalho, exemplificam o terceiro momento tratado por Mortatti (2000). Esse foi também um momento significativo da história do Brasil no que diz respeito às mudanças e decisões do contexto político e social. Como dito anteriormente, foi nesse momento que houve uma grande atuação do educador Lourenço Filho, que além da divulgação de seu livro *Testes do ABC*, engloba a “[...] ocupação de cargos

estratégicos na administração educacional”, repercutindo a valorização de suas ideias e de seu prestígio, tanto no Brasil quanto no exterior. Isso reforça “o caráter inovador e catalisador de seu pensamento escolanovista”.

[...] a atuação de Lourenço Filho se dá em meio a uma diversidade de outras iniciativas referentes ao ensino da leitura na fase inicial de escolarização de crianças, nesse terceiro momento crucial. (MORTATTI, 2000, p. 179)

Nesse momento histórico houve um vasto número de analfabetos, o que proporcionou que houvesse muitas buscas por um novo método para o ensino da leitura e escrita. Isso proporcionou resultados rápidos e imediatos em relação aos “métodos tradicionais”

1.1 Um pouco da história da doadora das cartilhas

As Cartilhas que pretendemos apresentar fazem parte do acervo do grupo de pesquisa “Alfabetização, Leitura e Escrita” – ALLE². Todos os livros foram doados por Cláudia Maria Borghe Antonelli em 27 de março de 2012, por intermédio da professora Lilian Lopes M. da Silva, membro do ALLE.

O acervo que faz parte do grupo de pesquisa ALLE é composto por: 37 livros, 5 almanaques e 20 materiais diversos. Os almanaques são como propaganda de produtos farmacêuticos, que contêm uma diversidade de informações como piadas, calendário, receitas, fases da lua, agricultura etc. Dentre os materiais diversos, temos cadernos manuscritos (pela própria senhora Dalcy) de poemas, poesias e sonetos, cadernos de desenhos de mapas, folhetos, alguns jornais, entre outros. A

² Grupo de Pesquisa vinculado à Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

catalogação de todos os livros doados pode ser encontrada no final deste trabalho, em anexo.

Sobre o acervo podemos destacar autores importantes e conhecidos, como Monteiro Lobato, Olavo Bilac, Erasmo Braga, Arnaldo Barreto, Presciliana Duarte de Almeida³, entre outros. Podemos destacar também algumas editoras famosas como a Cia. Melhoramentos de São Paulo, a Livraria Francisco Alves e a Cia. Editora Nacional.

Esse conjunto de livros pertenceram à senhora Dalcy Zugliani Borghe, que os guardou durante anos com muito zelo e amor. Com seu falecimento, sua filha Cláudia M. Borghe Antonelli decidiu doá-los para serem estudados e, possivelmente, usados para a produção de pesquisas que contribuíssem para a história dos livros didáticos e do ensino da leitura no Brasil.

Outro trabalho que também elegeu como material de pesquisa o acervo doado é a pesquisa desenvolvida por Costa (2012). A pesquisadora catalogou todos os livros, além de organizá-los por ano de edição, editora, autor, título, em uma pesquisa de TCC. Em minha pesquisa tomarei como *corpus* apenas cinco destas cartilhas que completam esse acervo. Para conhecimento deste acervo, optei por explicitar em minha pesquisa um pouco da entrevista realizada em 27 de março de 2012⁴, à Cláudia Maria Borghe Antonelli. Esta entrevista foi realizada pela manhã, na casa de Cláudia e estavam presentes Prof^a Dr^a Norma Sandra de Almeida Ferreira, Prof^a Dr^a Lilian Lopes Martins da Silva e as alunas de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas, Franciane Martins da Costa e Mariana Ap. Apolinário. “A

³ Presciliana Almeida foi uma das autoras fundamentais da poesia infantil brasileira. Em 1897 funda um jornal voltado ao público feminino, intitulado de “A mensageira” e em 1909 foi membro-fundador da Academia Paulista de Letras. Algumas de suas obras poéticas são: Sombras (1906), Páginas Infantis (se encontra um exemplar em nosso acervo, datado de 1914); O livro das Aves (1939) e Vetiver (1939).

⁴ A transcrição completa da entrevista pode ser encontrada em: COSTA, Franciane Martins da. *Bibliotecas particulares: uma leitora “comum” do século XX* / Franciane Martins da Costa. - Campinas, SP, 2012. (Anexo 5).

entrevista, que teve duração de aproximadamente uma hora e meia, foi iniciada de forma que a depoente pudesse falar à vontade sobre as lembranças que possuía de sua mãe.” (Costa, 2012, p. 28). Através dela, coletamos algumas informações sobre o acervo e sobre sua proprietária.

D. Dalcy casou tarde para a época e teve duas filhas, dizendo a elas que mais um dia voltaria a escrever e ler muito, como gostava de fazer, porém isso não se concretizou, pois ela sofreu com a degeneração na visão. Em alguns livros encontramos “bilhetinhos” dela, dizendo “livro bom para reler”, “voltar a ler” etc...

Segundo Cláudia, D. Dalcy não fez ensino superior por falta de oportunidade, e como era época da guerra, não conseguiu realizar seu sonho de estudar na área de educação. Porém, sempre foi uma pessoa autodidata, interessando-se muito por leitura, lendo “tudo o que via pela frente”. Alguns dos livros doados estavam com ela por conta de seu tio, irmão da avó da Cláudia, Gabriel Pelicciotti. Dalcy adorava estar em contato com o tio, que sempre teve muitos livros. Quando ele faleceu, sua esposa doou muito de seus para Dalcy.

Seu tio Gabriel nasceu por volta de 1897, em Mineiros do Tiete, como a D. Dalcy, e veio a falecer entre 1949-50. Estudou na área da educação e foi diretor do Mackenzie de São Paulo; viveu e morreu nesta cidade. Por isso tinha muito contato com os livros e a leitura, o que poderia ter influenciado a formação cultural de D. Dalcy, com sua atuação na educação e pela doação dos de parte de seus livros.

Além das cartilhas, no acervo doado havia livros que acreditamos terem sido escritos por Dalcy, com poesias, poemas e desenhos. Ela desenhava muito bem, tinha muito interesse pelas Artes, gostava de pintar, bordar, enfim, todos os trabalhos manuais.

Dalcy sempre incentivou suas filhas a ler e fez questão de sempre guardar seus materiais, demonstrando preocupação com o que suas filhas fariam com seus livros e cartilhas doadas pelo seu tio. Isso ficou muito evidente durante a entrevista com a Cláudia; o apreço e amor de dona Dalcy pelos livros. Ela gostava de preservar, colecionar, desde livros até pequenas xícaras de café, régua de alfaiate (profissão de seu pai). Gostava de organizar e guardar com muito esmero, já que segundo sua filha Cláudia, a mãe tinha apreço pelo passado.

Não foram todos os materiais educativos e didáticos da Dalcy que foram doados para o ALLE. Durante a entrevista, a professora Lilian disse que selecionou o que parecia ser de maior interesse de pesquisa para o grupo ou para o departamento.

Dalcy era uma leitora comum, não era uma profissional da leitura, nem exerceu uma profissão que exigia leitura de livros. Era uma dona de casa que foi compondo todo esse acervo, sua biblioteca pessoal. Sempre foi independente, uma mulher batalhadora, com um conhecimento adquirido pela vida, através dos livros. Ela foi uma pessoa que sabia o valor dos livros, guardando-os com cuidado como preciosidade, colocando fita, deixando bilhetes, como presentes. Assim, podemos refletir sobre esse ato que a senhora Dalcy e tantos outros tiveram:

(...) que livro é este que não serviu apenas à iniciação do leitor ao mundo das letras, mas que precisou ser guardado, ficar sempre à mão como objeto de posse. Que tipo de “investimento afetivo” reveste esse objeto e a circunstância à qual ele está intimamente ligado? (GOULART, 2009).

A ligação afetiva de dona Dalcy com os materiais (livros, cadernos etc) fazem-nos refletir como um livro pode aparentar mais do que simplesmente o conteúdo que traz, possui algo que “vai além de suas histórias, de seus escritos, de sua materialidade” (Goulart, 2009, p.125). O leitor dá um sentido ao livro, envolvendo

suas expectativas; às vezes (como é o caso de alguns exemplares que estudarei neste trabalho), o leitor não deixa nenhum vestígio concreto de sua ação no livro, trazendo apenas marcas que não são visíveis. Os materiais cedidos por Cláudia, segundo a autora, estão “impregnados de passado”, de experimentações, sentidos e memória, criando um elo entre o dono e seu passado.

Preservar esse material é também conservar as reminiscências das situações vividas, de pessoas que foram significativas e de uma fase da vida que não cai no esquecimento. O livro concretiza registros que foram selecionados para não serem descartáveis no tempo. (GOULART, 2009)

Gostava de declamar poesia, o que fazia até tempos antes de falecer, lia histórias para suas filhas e recortava muito poesias de jornais. Dalcy nasceu em 18 de dezembro de 1917 e faleceu em 5 de maio de 2010.

2. A história dos métodos segundo Mortatti (2000)

Como este trabalho tem por objetivo analisar as cartilhas de acordo com os métodos de ensino utilizados para a alfabetização, trago neste capítulo os estudos de Mortatti (2000). Em seu livro *Os sentidos da Alfabetização: São Paulo – 1876/1994*, Mortatti (2000) nos apresenta os resultados de seus estudos e pesquisas sobre a história dos métodos de ensino da leitura e escrita no Brasil, com ênfase no estado de São Paulo. A pesquisadora delimitou esse estudo cronologicamente, elegendo o período compreendido entre 1876 a 1994, sendo que a primeira data se refere à disputa entre método novo (João de Deus) e antigo (sintético) e a última à “revolução conceitual” de Emilia Ferreiro. Segundo Mortatti, esse pode ser compreendido como a disputa entre “antigos” e “modernos”, debate que se instaura na educação. São quatro momentos que, segundo ela, são cruciais na história da alfabetização. Transcreverei, resumidamente, cada um deles:

O primeiro momento (1876 – 1890) trouxe a disputa entre os defensores do então novo e revolucionário “método João de Deus” para o ensino da leitura baseado na palavração; defendido e divulgado no Brasil no início da década de 1880, pelo professor e positivista Antonio da Silva Jardim e contido na *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura*, escrita por João de Deus; e os defensores dos então tradicionais métodos sintéticos (soletração e silabação), em que se baseavam as primeiras cartilhas escritas por brasileiros. O método sintético pela soletração iniciava o processo de ensino da leitura e escrita pela solfejar das letras que compunham as palavras, ou seja, não se liam as palavras, se liam as letras que compunham as palavras, depois se solfejavam as sílabas e depois liam as palavras como um todo. Após aprenderem as sílabas, os alunos deveriam formar palavras

com elas e, posteriormente, sentenças. Já no método sintético pela silabação o ensino da leitura e escrita se inicia pela sílaba, obedecendo ao mesmo procedimento do método citado anteriormente.

O segundo momento (1890 – meados dos anos 1920) foi marcado pela acirrada disputa entre defensores do método analítico (novo e revolucionário) e defensores dos métodos sintéticos (tradicionais) – especialmente a silabação. Segundo Mortatti (2000), com a reforma da instrução pública paulista (a partir de 1890), os normalistas formados pela Escola Normal de São Paulo passam a defender programaticamente o método analítico, produzindo cartilhas, artigos para que haja a institucionalização do método nas escolas paulistas (essa situação irá se estender até a imposição da “autonomia didática”, prevista na Reforma Sampaio Dória, de 1920).

No interior desse momento encontra-se, ainda, um tipo particular de disputa entre os defensores do método analítico, permitindo classificá-los em “mais modernos” e “modernos”. Esse tipo de disputa se trava a respeito do modo de processar o método analítico – a palavração, a sentencição ou a “historieta” – de acordo com a biopsicologia da criança e acaba por fundar uma nova tradição: o método analítico como “bússola da educação” (MORTATTI, 2000)

O método analítico pela sentencição inicia o processo de ensino da leitura e escrita pela sentença, ou seja, pelo uso de pequenas histórias. Ao ensiná-la, o professor procede destacando as palavras que, depois de aprendidas pelos alunos, são desmembradas em sílabas que, por sua vez, são decompostas em letras. O método analítico pela palavração inicia o processo de ensino da leitura e escrita pela palavra, obedecendo a partir disso ao mesmo processo de ensino adotado pelo método analítico de sentencição. (CARVALHO, 1998)

O terceiro momento (meados de 1920 – final dos anos 1971) caracteriza-se pela disputa entre defensores do método analítico e os dos métodos mistos

(analítico-sintético ou sintético-analítico). A principal característica desse momento é a “relativização” do método de ensino da leitura pautada no processo de “hegemonização das bases psicológicas do processo de alfabetização” proposto e disseminado por Lourenço Filho, em seu livro *Testes do ABC*⁵. Isso contribuiu para a fundação de uma nova tradição: alfabetização sobre medida.

Por fim, o quarto momento (início dos anos 1980 – dias atuais) caracteriza-se pela disputa entre partidários da “revolução conceitual” proposta por Emília Ferreiro, do qual resulta o *Construtivismo* e os defensores dos métodos tradicionais (principalmente os mistos), das cartilhas e dos testes do ABC.

Assim, a autora conclui que:

[...] visando à ruptura com seu passado, determinados sujeitos produziram, em cada momento histórico, determinados sentidos que consideravam modernos e fundadores do novo em relação ao ensino da leitura e escrita. Entretanto, no momento seguinte, esses sentidos acabaram por ser paradoxalmente configurados, pelos pôsteres imediatos, como um conjunto de semelhanças indicadoras da continuidade do antigo, devendo ser combatido como tradicional e substituído por um novo sentido para o moderno. (MORTATTI, 2000, p. 23).

⁵ LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstöm. *Testes ABC: para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita*. São Paulo: Melhoramentos, 1934.

Dentro o acervo doado por D. Dalcy ao grupo de pesquisa ALLE, foram encontradas as seguintes cartilhas: *Cartilha da Infância* de Tomaz Galhardo (1939), *Cartilha Analytica* de Arnaldo Barreto (1930), *Cartilha de Alfabetização* de Benedicto Tolosa, *Cartilha Intuitiva* de Faria e Souza (1936) e *Cartilha Meu amigo* de Valfredo A. Caldas (1935).

Inicialmente separamos todas elas dos outros impressos encontrados, com o propósito de desenvolvermos um estudo envolvendo cada uma delas. Guiadas por este intuito, no tecer deste capítulo, procuramos pesquisar sobre as cartilhas, conhecer um pouco sobre seus autores e para assim, buscarmos compreender a importância desses impressos no ambiente escolar. Também descrevê-las em sua materialidade e configuração nas edições em que se encontram.

3. Tomaz Galhardo

Tomaz do Bom Sucesso Galhardo, filho de José Paulo Rosa Galhardo e Ana Bernardino Rodrigues Galhardo, nasceu em Ubatuba – SP, no dia 29 de dezembro de 1855. Moravam em um casarão onde hoje é a Câmara Municipal de Ubatuba.

Ainda muito jovem, mudou-se para São Paulo, estudou na primeira turma da Escola Normal de São Paulo e dedicou-se ao ensino público. Realizando brilhante e intensa carreira profissional, segundo a biografia do autor escrita por Santos (2008), ocupou os mais altos cargos magistrais na capital. Participou de comissões examinadoras, representou o professorado no Congresso Pedagógico do Rio de Janeiro. Como secretário geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo elaborou, em 1892, o regulamento do Ginásio do Estado de São Paulo e da Escola

Politécnica. Além disso, foi promotor público interino da comarca de Santos, onde, em 1871, exerceu o magistério e foi diretor e sócio fundador da União Pedagógica e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Aposentou-se no cargo de subdiretor da secretaria do interior do estado em 18 de novembro de 1987.

Por sua dedicação e relevante personalidade nas letras e no ensino do país, recebeu o grau de “comendador” pelo imperador D. Pedro II.

A “*Cartilha da Infância*” foi seu trabalho mais memorável, utilizada em todo o Brasil, sendo o livro que mais alfabetizou brasileiros na época. Além dela, Tomaz Galhardo escreveu dois livros de leitura, publicados também pela Livraria Francisco Alves (RJ) e vários livros didáticos que foram usados desde o século XIX até o final do século XX.

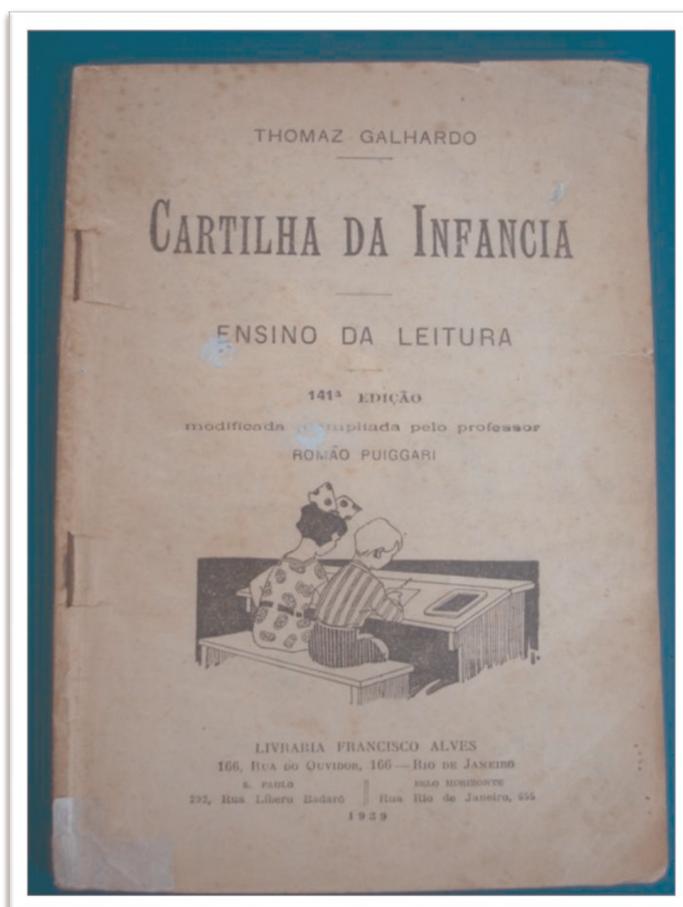
Em 1901, Galhardo passou por dificuldades financeiras. Precisando vender os direitos de propriedade de *Cartilha da Infância* à Livraria Francisco Alves. No dia 21 de março deste mesmo ano, escreveu uma carta solicitando ao editor um auxílio em dinheiro para sanar suas dívidas e em setembro enviou outra carta, desta vez para oferecer à venda do seu *Segundo Livro e Terceiro Livro* – complementos de *Cartilha da Infância*.

Tomaz Galhardo faleceu, em 30 de junho de 1904, aos 49 anos de idade.

3.1 Cartilha da Infância

A primeira cartilha analisada, *Cartilha da Infância*, traz a data de publicação de 1939, em sua 141ª edição, formulada por Tomaz Galhardo. Foi modificada e

ampliada pelo professor Romão Puiggari⁶ e publicada pela livraria Francisco Alves⁷. (Não foi possível localizar a data da 1ª edição desta cartilha, sabendo apenas que foi na década de 80).⁸



(Imagem 1 – Capa da Cartilha da Infância, Tomaz Galhardo, 1939)

⁶ Romão Puiggari nasceu em 8 de abril de 1865, na cidade de Vigo, Espanha e iniciou seus estudos em Barcelona. Chegou ao Brasil em 1877, aos 12 anos e, depois de passar por várias cidades do interior, fixou-se na capital. Trabalhou como caixeiro para poder estudar e formou-se professor, iniciando sua carreira na cidade de Mogi - Mirim. Por decreto de 8 de 1895 foi nomeado interinamente para ser professor da Escola Normal Modelo Caetano de Campos. Foi diretor do Grupo Escolar do Brás durante dois anos. Morreu em 5 de dezembro de 1904, aos 39 anos. Além de professor, foi prosador e poeta. Fonte: <http://escolaromaopuiggari.blogspot.com.br/>

⁷ É uma livraria e editora brasileira, que está em atividade desde 1854, iniciando sob o nome de *Livraria Clássica*, no Rio de Janeiro. Seu fundador foi Francisco Alves d'Oliveira. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Livraria_Francisco_Alves

⁸ Foram feitas diversas buscas no banco de dados da SBU (Sistema de Bibliotecas da Unicamp), na biblioteca digital da Unicamp (Sistema Nou-Rau) e pela internet, em site de busca (Google). Foram localizadas teses de doutorado, livros, dissertações de mestrado e artigos científicos, na tentativa de identificar estudos sobre histórias de cartilhas da década de 80 e seus autores.

O exemplar estudado da 144ª edição de 1939 da Cartilha da Infância apresenta como capa uma página que aparenta ser uma folha de rosto, embora com as folhas amareladas em decorrência do tempo, e se encontra em bom estado de conservação, tendo apenas rasuras na primeira e última páginas, em que se encontram pedaços colados com fita adesiva. Em algumas páginas também podemos observar desenhos coloridos, porém já com as cores desbotadas, possivelmente uma atividade que fora realizada por seu proprietário.

Esta cartilha traz em sua composição seis ilustrações, todas confeccionadas em preto e branco. A primeira se encontra na capa do livro, apresentando duas crianças de costas, sentadas e com o livro sobre a mesa, o que leva a pensar que estariam estudando. A próxima se encontra na página 9, antes da 1ª lição, onde vemos seis crianças e cada uma delas segurando uma letra. Na página 50, acima da 1ª pequena história “A Escola”, encontramos a figura de uma mulher de costas e um menino à sua frente, com os trajes de escola. A página 54, antes da história “A oração”, traz a ilustração de um menino orando em sua cama, com uma janela ao fundo. E por fim, a última figura está na página 58, acima da história “Os filhos do pescador”, em que há dois garotos, um de costas e outro de frente, brincando com bonecos, à beira mar, com um barco próximo à areia.

Segundo pesquisa em artigos e teses de doutorado (orientada pela professora Norma Ferreira), foi em 1890 que esta cartilha foi modificada e ampliada pelo professor Romão Puiggari, discípulo de Tomaz Galhardo. Ela foi adotada oficialmente pelo governo paulista e por outros estados do país, tendo sucessivas edições até, pelo menos, meados da década de 1990.

O método usado nesta cartilha é o da silabação, método sintético, que, como sabemos, inicia o ensino da leitura com a apresentação das famílias silábicas, na ordem do alfabeto.

Logo no início, na 1ª página, o autor dedica seu trabalho “*ao mais esforçado propugnador do ensino popular no Brasil, excelentíssimo senhor conselheiro Carlos Leôncio de Carvalho*”⁹ (GALHARDO, 1932). Em seguida, no prefácio, o professor Puiggari faz uma pequena apresentação da cartilha, destacando o uso do método escolhido por Galhardo (método sintético). Segundo Puiggari, o método proposto por Galhardo traz várias vantagens sobre os métodos apresentados até então, porém apresenta falhas, que ele identifica. Sendo assim, ele informa que pela prática que tem do ensino da época e sendo discípulo de Galhardo, pode corrigi-los e decide fazê-lo nesta edição.

⁹ Carlos Leôncio de Carvalho, segundo Lira (1949), nasceu em 18 de junho de 1847, na cidade de Iguazu, na província do Rio de Janeiro, era filho do Dr. Carlos Antonio de Carvalho. Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo, tendo concluído seus estudos em 1868. Prestou concurso, em 1871, para professor nesta Faculdade e nele foi aprovado, sendo nomeado membro catedrático em 1881. Foi convidado para ocupar a pasta dos Negócios do Império no gabinete de 15 de janeiro de 1878, tendo sido eleito deputado pela província de São Paulo neste mesmo ano, permaneceu na Câmara até 1881. Leôncio de Carvalho, por meio do Decreto de 19 de abril de 1879, reformou a instrução pública primária e secundária no Município da Corte e o ensino superior em todo o Império, este deu origem ao Pareceres/Projetos de Rui Barbosa intitulados Reforma do Ensino Secundário e Superior (1882) e Reforma do Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública (1883). Nesse Decreto autorizava o governo a criar ou auxiliar, nas províncias, cursos para o ensino primário, permitindo que os escravos freqüentassem as escolas. Buscava também estimular a alfabetização dos adultos, exigindo a leitura e escrita, dando preferência para obtenção de empregos nas oficinas do Estado aos indivíduos que cursaram a instrução primária. No Relatório de 1878, como Ministro, Leôncio de Carvalho chamara a atenção da Assembléia Legislativa para a importância da criação de cursos para o ensino primário destinado aos adultos devido a discussão, na Câmara dos Deputados, da reforma do sistema eleitoral que colocava como exigência que se soubesse ler e escrever para o exercício do voto. Instituiu a liberdade de ensino e a liberdade de freqüência, tais medidas causaram muita polêmica, recebendo críticas por facilitar o crescimento das escolas particulares e ser sua proposta “excessivamente” liberal. Participou da organização da exposição pedagógica, em 1883, em cujo congresso assumiu o cargo de secretário, bem como foi presidente da Associação Propagadora dos Cursos Noturnos. Sua reforma educacional marcou uma etapa importante na educação brasileira, mas provocou também uma acirrada oposição que o levou a se demitir da pasta. Como deputado por São Paulo, na tribuna da Câmara, defendeu-se das críticas, contudo ao terminar seu mandato, não conseguiu ser reeleito. Na República, durante alguns meses, assumiu o cargo de diretor da Faculdade de Direito de São Paulo. Exonerou-se por ter entrado em conflito com seus colegas de congregação, contrários à reforma da instrução pública feita pelo Governo Provisório, na qual colaborara. Foi senador estadual no governo de Américo Brasiliense. Jubilou-se, mudou-se para o Rio de Janeiro onde foi lente e diretor da Faculdade Livre de Direito. Faleceu em 9 de fevereiro de 1912. Fonte: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_carlos_leoncio_de_carvalho.htm

Na página 5 da obra, temos a apresentação intitulada “Ao Leitor”, trazendo agora a explicação e justificativa de Galhardo sobre sua publicação e o método que decidiu utilizar: “Dos três métodos de ensino da leitura, antigo ou da soletração, moderno ou da silabação, e moderníssimo ou da palavração, escolhemos o meio termo, sôbre cujas bases foi escrito o presente sistema.” (GALHARDO, 1932)

Em seguida Galhardo apresenta sua obra como algo distinto do que era considerado na época: antigo, moderno e moderníssimo, mostrando o que não concorda em cada um dos métodos utilizados anteriormente, deixando claro que seu trabalho possui como base o método silábico (moderno).

O estudo realizado por Mortatti (2000) apresenta as discussões em torno da questão dos métodos de ensino de leitura e escrita na fase inicial da escolarização de crianças. Segundo a autora, essas discussões foram resultantes da disputa entre os métodos “modernos” e “antigos” que ocorreram no estado de São Paulo, no período abordado por ela (1876 a 1994). A autora dividiu esse período em quatro “momentos”. A cartilha analisada (pensando no período em que foi escrito seu primeiro exemplar e não o da data deste exemplar estudado) está inserida no primeiro desses momentos (1876 a 1890), que Mortatti (2000) caracteriza como marcado pela disputa entre o então novo método: o “método João de Deus” para o ensino da leitura, baseado na palavração e o antigo: os “métodos sintéticos” — soletração e silabação — em que se baseiam as primeiras cartilhas escritas por brasileiros. Segundo Mortatti (2000), a partir de 1930, as cartilhas passam também a se basear em métodos mistos e ecléticos (analítico – sintético e vice-versa).

Galhardo conclui sua apresentação dizendo:

(...) com este sistema não se deve consentir que as crianças soletrem, senão que pronunciem as sílabas, reunindo-as após para a formação de vocábulos, cuja significação, embora sabida por vulgar, será dada pelo professor. (GALHARDO, 1932)

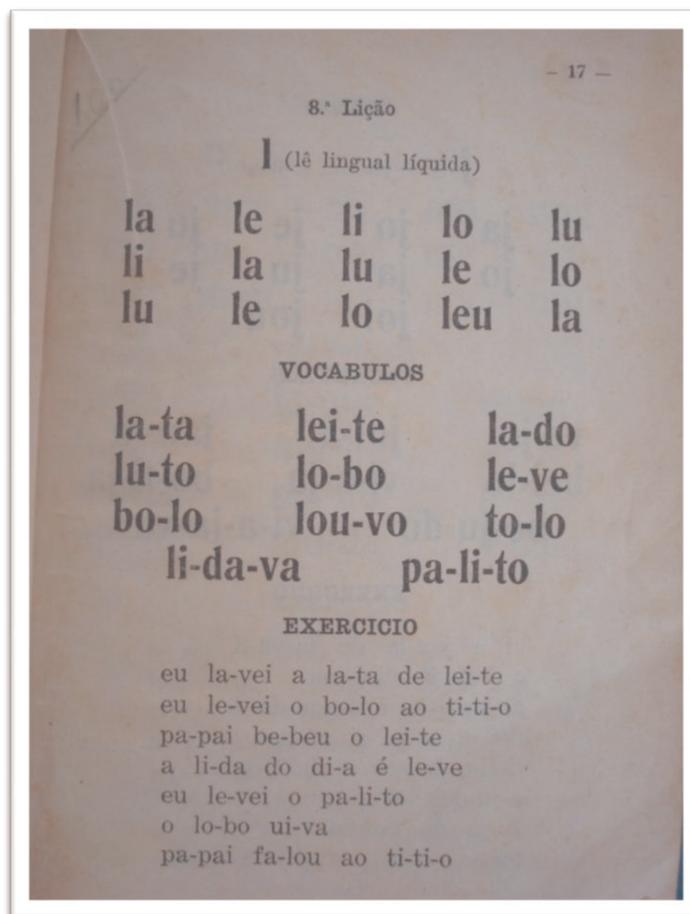
Os métodos sintéticos, chamados assim por partirem da síntese, partem das unidades menores da língua (no caso da Cartilha da Infância, 1939, 141^a ed., que usa a silabação, a unidade menor é a sílaba) para as unidades maiores, como as palavras, textos e frases, de acordo com uma ordem crescente de dificuldade. Primeiramente, ensinar-se-ia, após as sílabas, a ler palavras formadas por elas, e por fim, a ler frases isoladas e agrupadas. Muitos estudiosos acreditam que, geralmente, o que se espera no uso deste método, nesta época, é que a criança memorize a sílaba/palavra, tendo o professor que ler em voz alta várias vezes, repetindo até a criança memorizar, não se ligando para a produção de significado por parte dela. Sendo assim, esse método parece privilegiar o sentido da audição na relação com os sinais gráficos, já que era comum que, como dito anteriormente, leem-se (o professor e os alunos) os exercícios em voz alta e se fizesse o ditado. Conclui-se que, assim, haveria a transformação da fala em sinais gráficos e o objeto que é ensinado é o sistema alfabético/ortográfico.

Na página 7, analisamos outro texto intitulado “*Duas palavras às mães de família*”. Nele o autor, Galhardo, propõe um diálogo com as mães, chamando atenção para diversos obstáculos identificados pelos professores no ensino da leitura. Entre as causas, ele destaca a precarização da organização do ambiente escolar ou a deficiência dos sistemas de leituras existentes, e principalmente os vícios que a criança traz do seu primeiro ensino, ministrado no lar. Sendo assim, solicita para que as mães façam o “bem”, mandando seus filhos sem nenhum conhecimento, e não “viciados pela soletração antiga”. Além deste pedido, ele

aponta que o trabalho do mestre e o da mãe, embora tão divergentes, podem se complementar:

A mãe, o pai, o mestre são os três operários dessa mimosa obra. Cada um deles trata de um ramo, sem descurar dos outros; e dos três – o pai, a mãe, o mestre, - conquanto tenha cada um especial, missão, tratam conjuntamente do todo. (GALHARDO, 1932)

Nas páginas seguintes da cartilha aparecem as lições, totalizando trinta e três lições. A 1ª lição traz as vogais, ditongos e vogais acentuadas. Da 2ª à 32ª mantém-se uma mesma estrutura: primeiramente apresenta-se a letra com a indicação “lê lingual líquida” e abaixo seguem a junção da letra com as vogais, formando suas famílias silábicas, mostradas em diferentes ordens, na primeira linha seguindo o Ba, Be, Bi, Bo, Bu, na segunda e terceira de modo aleatório; posteriormente, vêm os vocábulos, cujas sílabas são separadas por hífens; e finalmente, vêm os exercícios, em que se encontra um conjunto de pequenas frases, também separadas em sílabas por hífen. Vejamos um exemplo, retirado da página 17:



(Imagem 2 – página 17, Tomaz Galhardo, 1939)

Apoiando nos estudos de Frade (2004), mais especificamente em seu artigo “*Cartilha Analytica publicada pela Francisco Alves: aspectos da materialidade entre ordenamentos pedagógicos e editoriais*”, em que a autora faz menção das etapas e procedimentos do método encontrado na *Cartilha Analytica*, de Arnaldo Barreto, estudada mais a frente deste trabalho. Se compararmos com o método de Galhardo, percebemos que:

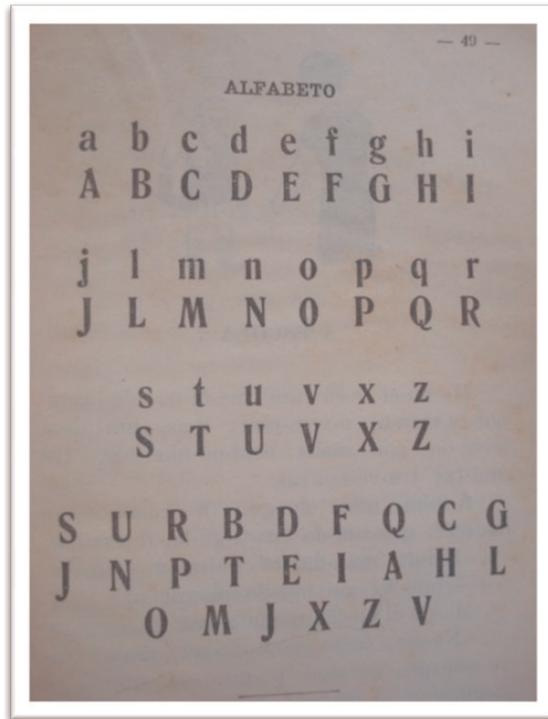
Apenas na 10ª lição, feita ainda no quadro negro, é que se destacariam as frases que, colocadas em colunas verticais e analisadas em componentes como palavras, possibilitariam a construção de novas frases. Sugere-se que, ao enunciar cada palavra o professor vá indagando: em quantas vezes se profere esta palavra e com que sílaba começa? (FRADE, 2004)

Sendo assim, a autora constata que Arnaldo Barreto sugere que:

(...) sejam abordadas todas as consoantes e que se só então se passem a ler os textos *escritos por outrem*, de onde serão selecionadas palavras que serão desmembradas em sílabas que formarão outras palavras novas (com o conselho de que esta divisão em sílabas não atrapalhe a leitura corrente). Segue-se a sugestão, no manual, de que se trabalhem rimas, que se façam comutações de letras iniciais de palavras como *janela, canela, panela*, assim como de letras no meio e final de palavras, para que o aluno perceba diferenças no começo, meio ou final das palavras (FRADE, 2004, p.15)

Estes procedimentos didáticos seguem a mesma ordem de apresentação que a cartilha de Galhardo.

Após a 32ª lição, há nova mudança: o alfabeto completo aparece em letras minúsculas e maiúsculas, seguindo inicialmente a ordem alfabética. Dividido em quatro partes como: A-I; J-R; S-Z, e depois apresenta-se todas as letras do alfabeto fora de ordem, traz uma disposição tipográfica que parece orientar para uma aprendizagem em partes, uma memorização das formas das letras na ordem em que aparecem no alfabeto e uma memorização destas mesmas letras de forma desordenada. Vejamos:



(Imagem 3 – página 49 da Cartilha da Infância, Tomaz Galhardo, 1939)

Já nas páginas finais da cartilha, observamos oito pequenos textos, sendo duas narrativas com todas as palavras separadas em sílaba (A ESCOLA / A CARTA), três poemas (1º Sem título / O AMANHECER / I-AMANHECE) e três narrativas sem a separação de sílabas (A ORAÇÃO / A BOCA / OS FILHOS DO PESCADOR).

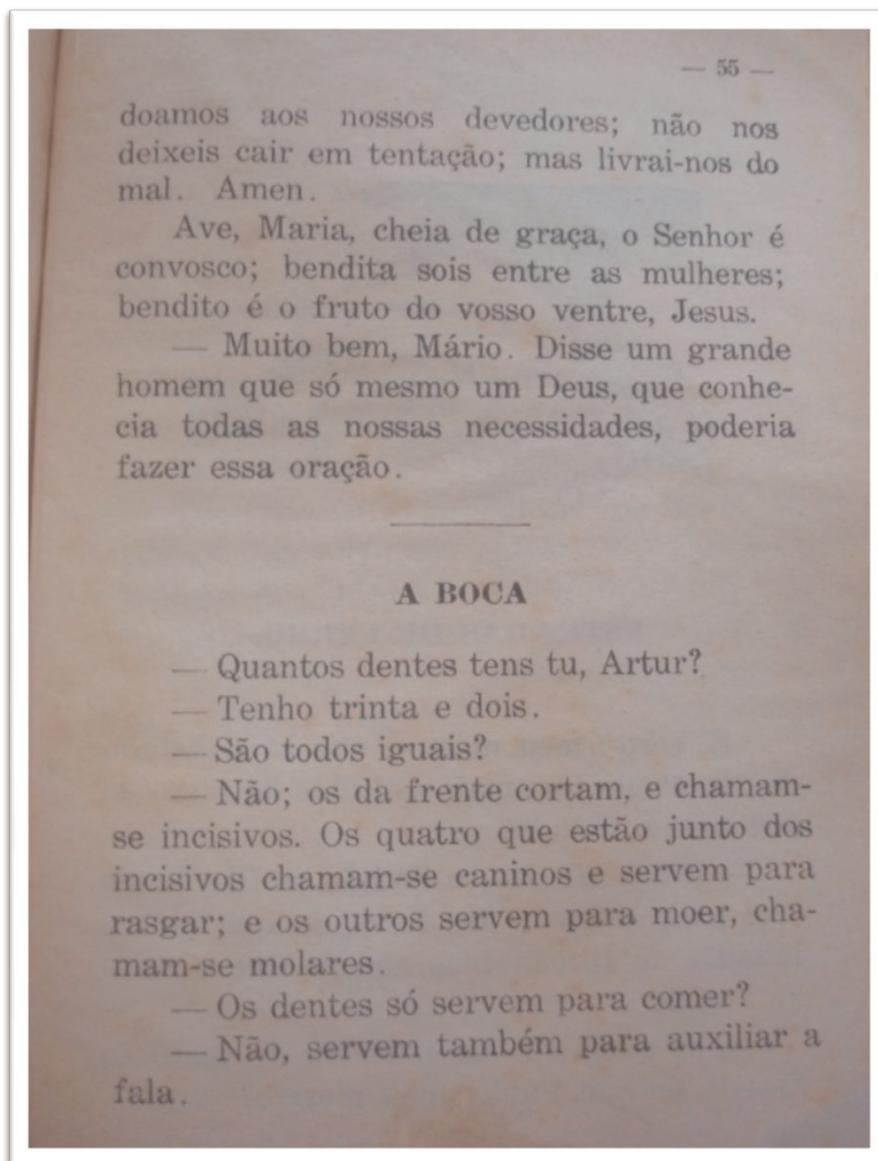


A ORAÇÃO

— Mário, vejamos se já sabes a oração que repetimos sempre ao encerrar os nossos trabalhos da escola.

— Já a decorei, meu mestre, e vou recitá-la:

Padre Nosso, que estais nos céus, santificado seja o Vosso Nome; venha a nós o vosso reino; seja feita a Vossa Vontade, assim na Terra como nos Céus. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos nossas dívidas, assim como nós per-

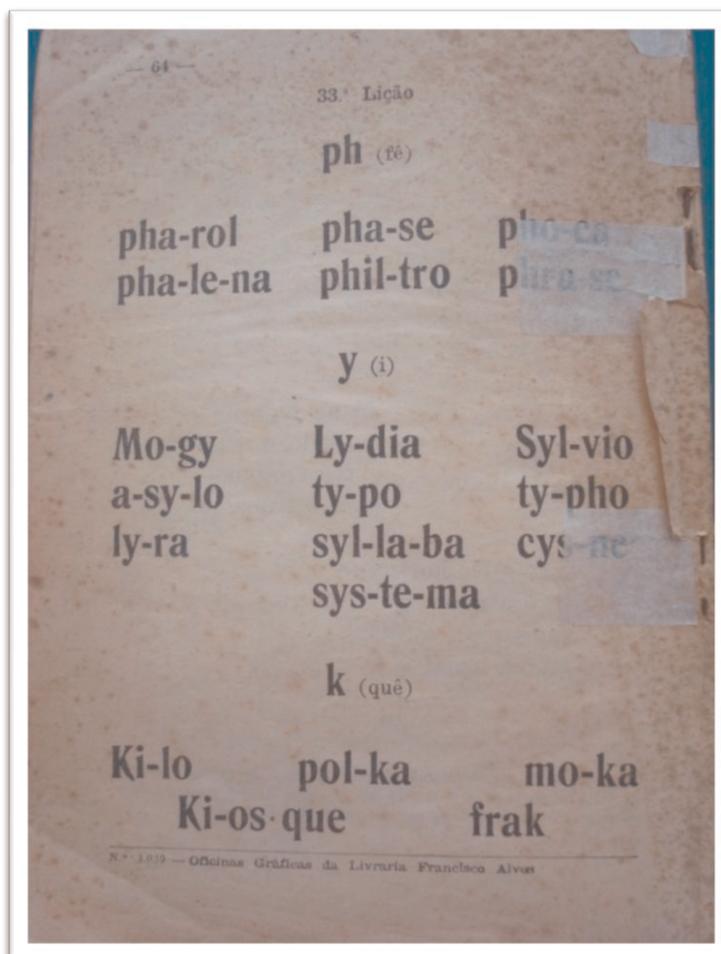


(Imagens 4 e 5 – páginas 54 e 55 da Cartilha da Infância, Tomaz Galhardo, 1939)

Pelos títulos desses textos podemos inferir que tal temática parece ser frequente e valorizada nos livros produzidos nesta época e destinados às crianças (ARROYO, 1969), que, em sua maioria, abordam assuntos relacionados ao bom comportamento, como saber rezar, obedecer aos pais e o respeito aos mais velhos. Os textos tematizam também a importância da escola, de quanto ela é importante e de quanto as crianças ficarão mais inteligentes frequentando-a, e por isso, os alunos devem sempre respeitar seus professores.

Nas páginas em que aparece “A Oração”, por exemplo, o menino Mário recita o Pai Nosso e a Ave Maria para que seu mestre avalie seu bom comportamento. A lição prepara a criança leitora para um ensinamento duplo: a leitura e a recitação de uma oração que provavelmente sabe de cor. Prepara ainda para um comportamento exemplar: um bom aluno e um bom cristão. A lição “A Boca”, diferentemente, traz um assunto específico: a importância dos dentes na boca.

Finalmente, na última página está a 33ª lição, em que são apresentadas as letras PH que representa o fonema da letra F, Y o fonema da letra I e K, cada uma trazendo palavras separadas por sílabas.



(Imagem 6 – página 64 da Cartilha da Infância, Tomaz Galhardo, 1939)

A “Cartilha da Infância”, de Tomaz Galhardo, se caracteriza como uma das primeiras concretizações do método sintético (ou “moderno”) no Brasil. Primeiro, foi

adotada pelo governo paulista, e posteriormente “ganhou” todo o país, sendo o livro que alfabetizou o maior número de brasileiros em sua época.

A imagem da página da 33ª lição da 141ª ed. Da Cartilha da Infância, exemplifica as afirmações feitas por FRADE (2007), em seu artigo *“Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais”*:

No Brasil, embora a Cartilha da Infância, de Thomaz Galhardo, produzida no final do século XIX e utilizada até a década de 80 do século XX prescreva em seu manual “não consentir que soletrem, mas que pronunciem sílabas”, ao apresentar as sílabas, acrescenta antes a letra, sua pronúncia e classificação linguística: “ F fê (labial sibilante)”. Esta informação, embora apareça no corpo do livro do aluno, parece ser apenas para o professor compreender a classificação, uma vez que o manual prescreve que não se deve “ensinar vozes e modos das palavras”. Assim, parece claro que o princípio de classificação dos fonemas, neste material específico, está presente como conteúdo conceitual para o autor, embora a correspondência fonográfica seja operada no nível da sílaba. (FRADE, 2007)

4. Arnaldo de Oliveira Barreto

Segundo biografias já escritas sobre Arnaldo Barreto como de BERNARDES (2003), FRADE(2004) (2007), MORTATTI (2000), entre outros, ele nasceu em Campinas/SP, em 12 de setembro de 1869 e morreu, aos 56 anos, em 24 de julho de 1925, na cidade de São Paulo. Era filho de um farmacêutico gaúcho, Sr. Antonio Jesuino de Oliveira, e de D. Aristhéia Braziliãna de Lemos Barreto. Iniciou seus estudos aos sete anos, no “Collégio Morton”, tradicional instituição de ensino de Campinas, que, na época, era uma das melhores do país.

Em 1877 perdeu seu pai e, com apenas dez anos de idade, começou a trabalhar para auxiliar financeiramente nas despesas da família e, sobretudo, nos

estudos de seu irmão Armando, primogênito da família que cursava Engenharia Civil, no Rio de Janeiro. Em 1884, Barreto foi para o Rio de Janeiro, a fim de trabalhar ao lado do irmão. Em 1889 voltou para São Paulo e matriculou-se na Escola Normal de São Paulo, tendo-se diplomado em 1891.

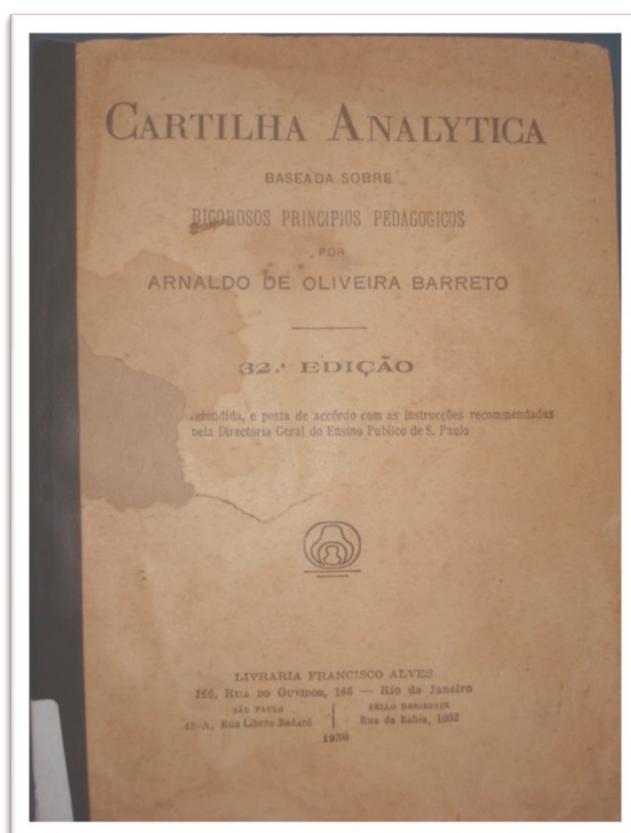
Em 1894, Barreto passou a reger uma das classes da Escola-Modelo do Carmo, anexa à Escola Normal de São Paulo. Em 1896, encarregado pelo Secretário do Interior, reorganizou o Grupo Escolar de Lorena/SP e, em seguida, voltou a ocupar seu cargo de professor naquela escola-modelo. Em 1897, atendendo à solicitação do diretor da Escola Normal de São Paulo, Barreto tornou-se inspetor das escolas anexas.

Em 1901, foi criada a Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, em cujos estatutos se incluía a publicação de uma revista — Revista de Ensino, que circulou entre 1902 e 1918, tendo-se tornado um veículo da propagação, dentre outros, do método analítico para o ensino da leitura. No período de 1902 a 1904, Barreto foi redator-chefe dessa Revista, e acompanhou-o no corpo de redatores um grupo representativo de normalistas paulistas que, assim como Barreto, esteve sempre próximo dos órgãos oficiais da instrução pública paulista. Desse grupo faziam parte: Romão Puiggari, Joaquim Luiz de Brito, João Pinto e Silva, João Lourenço Rodrigues, Alfredo da Silveira, Ramon Roca Dordal e João Crisostomo Bueno dos Reis Junior.

Em 1908, o Secretário do Interior do Estado de São Paulo — Cardoso de Almeida — entregou a Barreto à direção do Colégio de Campinas. Após dirigir por

muitos anos esse Colégio, Barreto foi para a cidade de São Paulo, onde ocupou o cargo de diretor da Escola Normal da Praça da República, de 1924 a 1925.¹⁰

4.1 Cartilha Analytica



(Imagem 7 – Capa da Cartilha Analytica, Arnaldo Barreto, 1930)

O exemplar da Cartilha Analytica que consta no acervo estudado trata-se da 32ª edição, de 1930 de autoria de Arnaldo de O. Barreto, publicado pela Livraria

¹⁰ FONTE: BERNARDES, Vanessa Cuba. *Um estudo sobre cartilha analytica, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925)*. Marília, 2003. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, 2003. Orientadora: Profa. Dra. Maria do Rosário Longo Mortatti.

Francisco Alves. Segundo pesquisa em teses e dissertações sobre a cartilha, a primeira edição foi publicada no ano de 1907, período de ascensão do método analítico no Brasil.

Seu dorso possui uma fita adesiva com a finalidade de manter fixas as páginas, deixando o livro inteiro. Sua capa, assim como toda a obra, apresenta algumas rasuras e folhas de cor marrom. A obra contém 96 páginas e traz várias ilustrações; em quase todas as páginas encontramos, pelo menos, uma figura.

Logo no início, na folha de rosto, Arnaldo faz dedicatória a Oscar Thompson¹¹, afirmado ser “o mais decidido propagandista, no estado de São Paulo, do ensino da leitura pelo methodo analytico” (ARNALDO, 1930), e ao Theodoro Moraes¹², dizendo ser “o seu mais fino executor, com preito da mais justa homenagem” (ARNALDO, 1930). Tal como Galhardo, em sua cartilha, o autor dedica sua obra a colegas que ocupam cargos invocando uma rede de educadores que atuam na produção, divulgação e recepção de obras voltadas para a escola.

Em seguida, Arnaldo traz algumas contribuições a respeito do seu pensamento sobre educação, apoiando-se nos estudos de Pestalozzi.

- Cultivae as faculdades em sua ordem natural; formae primeiro o espírito para instrui-lo depois.
- Primeiro a synthese, depois a analyse. Não a ordem do assumpto, mas sim a ordem da natureza. (BARRETO, 1930)

¹¹ Diretor Geral da Instrução Pública e Diretor da Escola Normal da Praça da República, primeira escola-modelo de São Paulo, por volta de 1909-1911. Em relatório dirigido ao Secretário do Interior e publicado pelo *Anuario de Ensino do Estado de São Paulo 1909-1910*, determina que o ensino da leitura e da escrita deve ser ministrada pelo método analítico, por ser este o método mais compatível com a marcha natural de aquisição de conhecimento do espírito humano.

¹² Theodoro de Moraes iniciou sua carreira como professor adjunto, em 1898, e se diplomou, em 1906, pela Escola Normal Secundária de São Paulo. Exerceu diferentes cargos, no período compreendido entre 1898 e 1934, em funções no magistério paulista.

Na página seguinte, de número 9, são apresentados os exercícios de sua cartilha. O exercício é composto de pequenas frases, trazendo uma figura para ilustrar o texto:



(Imagem 8 – página 42 da Cartilha Analytica, Arnaldo Barreto, 1930)

As frases separadas em linhas distintas e numeradas formam uma “história” de um menino (Dario) que está sentando em um banco, ao lado de um cesto de maçãs. As frases descrevem a cena e as ações de Dario e finalizam com uma opinião pessoal do narrador: “Eu também gosto muito de maçãs”.

O método analítico rompe com o processo de decifração, propondo formas de trabalho que priorizem a análise e compreensão, “defendendo a inteireza do fenômeno da língua e do processo de percepção infantil” (FRADE, 2007, p. 26). Seu ensino traz como unidade de análise a palavra, a frase e o texto; a compreensão

global vem como estratégia inicial e, posteriormente, a análise das unidades menores.

Cartilha Analytica — 43

Dario está sentado em um banco.	Na cesta estão muitas outras maçãs.	Eu vou partir esta laranja pelo meio.
		
Esta laranja está bem madura.	Eu vou partil-a com a minha faca.	Aqui estão as duas metades.

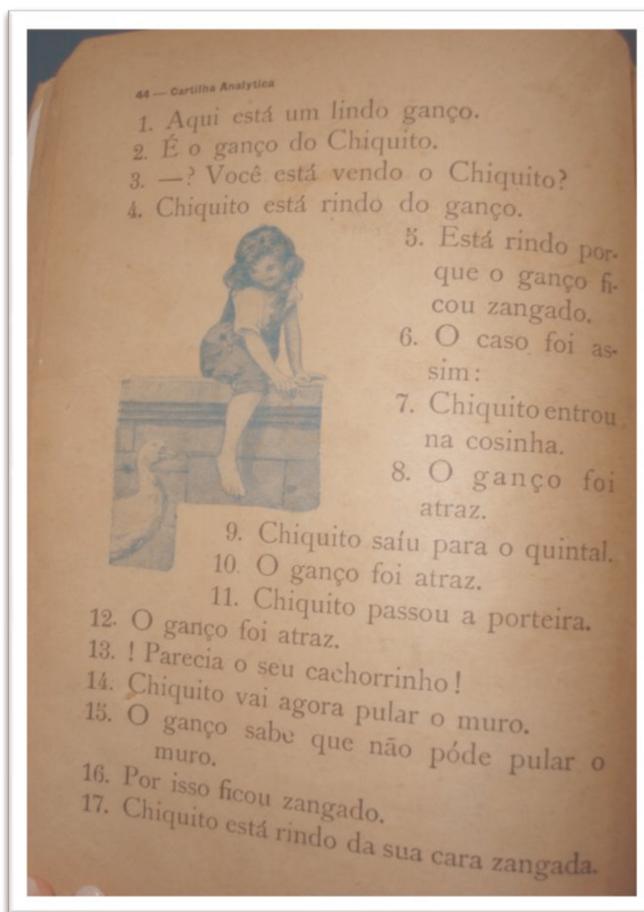
(Imagem 9 – página 43 da Cartilha Analytica, Arnaldo Barreto, 1930)

Nas próximas páginas, as lições são apresentadas em forma de pequenos textos, porém marcadas como o exemplo do texto de “Dario”, porém com um número maior de frases:

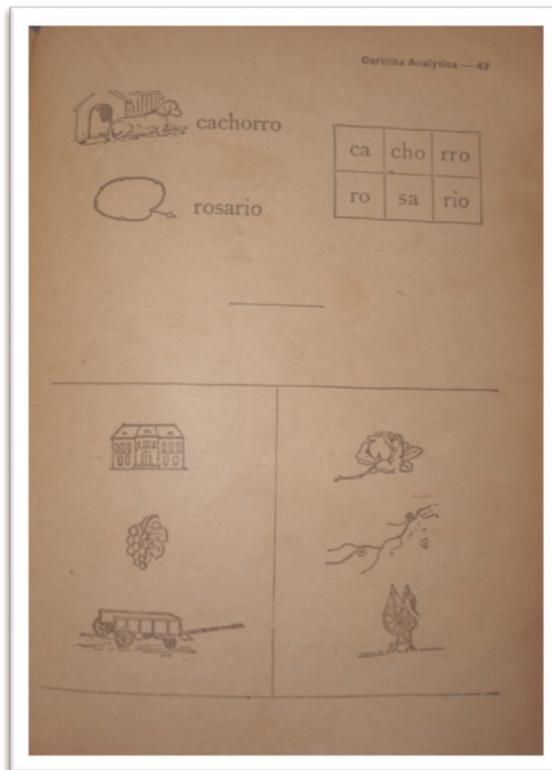
1. *Aqui está um lindo ganço.*
2. *É o ganço do Chiquito.*
3. *-? Você está vendo o Chiquito? (ao lado há a figura de um menino)*
4. *Chiquito está rindo do ganço.*
5. *Está rindo porque o ganço ficou zangado.*
6. *O caso foi assim:*
7. *Chiquito entrou na cosinha.*

8. O ganço foi atrás.
9. Chiquito saiu para o quintal.
10. O ganço foi atrás.
11. Chiquito passou a porteira.
12. O ganço foi atrás.
13. ! Parecia o seu cachorrinho !
14. Chiquito vai agora pular o muro.
15. O ganço sabe que póde pular o muro.
16. Por isso ficou zangado.
17. Chiquito está rindo da sua cara zangada.

E desta maneira, a cartilha traz textos com outras histórias, sempre diferentes das anteriores. Primeiro o autor apresenta um texto base, depois insere outro texto em que há uma diferenciação no enredo da história:



(Imagem 10 – página 44 da Cartilha Analytica, Arnaldo Barreto, 1930)

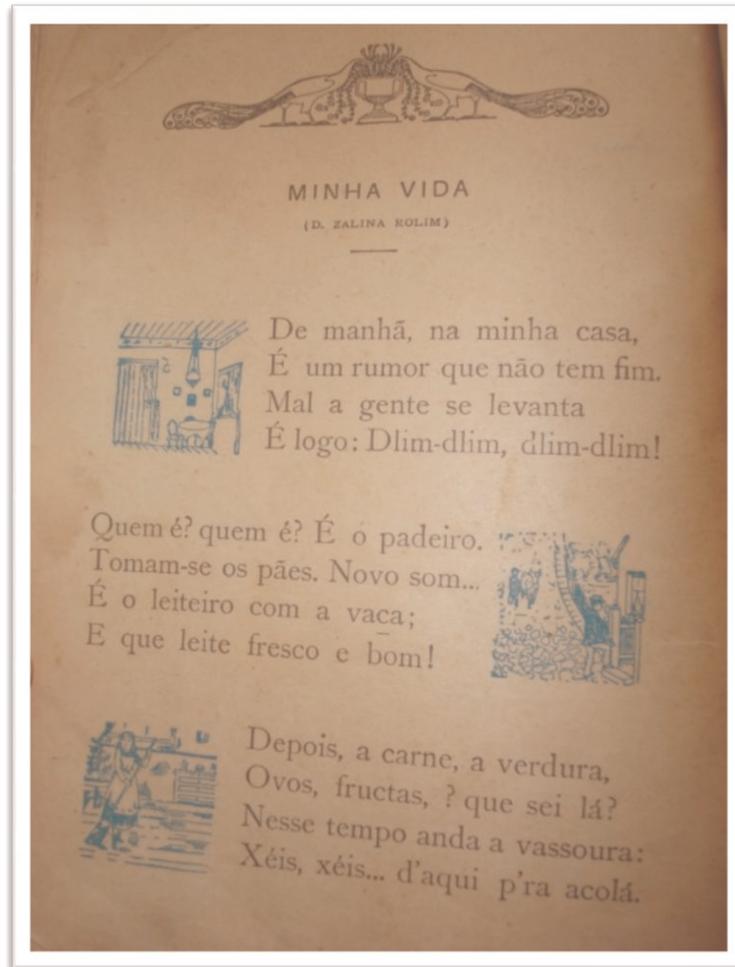


(Imagem 11 – página 46 da Cartilha Analytica, Arnaldo Barreto, 1930)

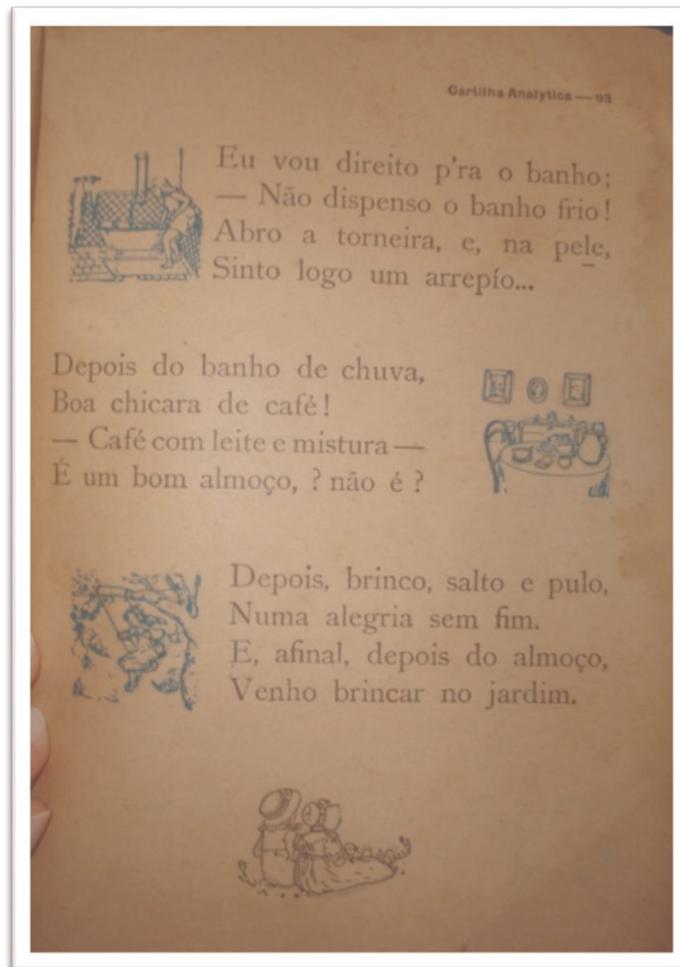
A cartilha também utiliza o uso de ilustrações que trazem o nome do objeto escrito ao lado e um pequeno quadrado, com as sílabas do nome separadas por quadradinhos.

Conforme FRADE (2007) as atividades são desenvolvidas tendo como procedimentos o uso de cartões de fixação, em que relacionam palavras e gravuras, também são utilizados exercícios sinestésicos para o movimento da escrita de cada palavra.

Na da página 92, o autor traz o que parece ser um poema, escrito por D. Zalina Rolim, intitulado “*Minha Vida*”. Diferentemente do que encontramos anteriormente na obra, ao invés de vir frases separadas por números, os textos são escritos sem o uso de uma numeração, em forma de poema. São quatro estrofes acompanhadas de uma ilustração ao lado:



(Imagem 12 – página 92 da Cartilha Analytica, Arnaldo Barreto, 1930)



(Imagem 13 – página 93 da Cartilha Analytica, Araldo Barreto, 1930)

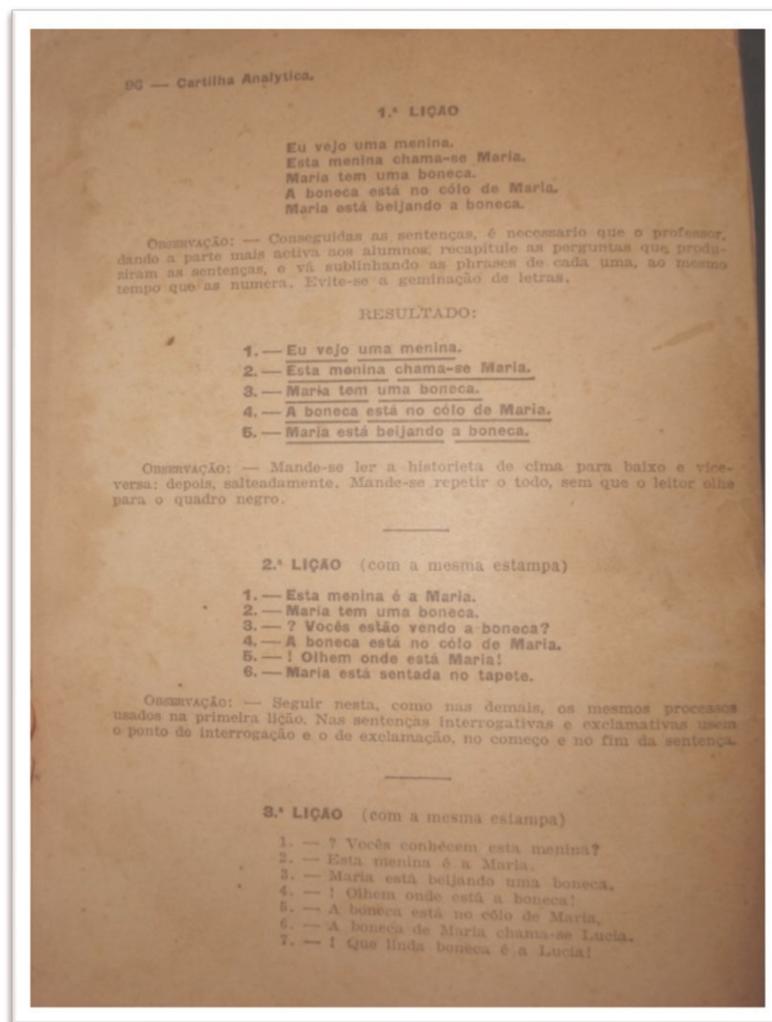
Após a finalização do poema, na página 94, há a ilustração de uma menina de vestido, sentada com sua boneca no colo. A cartilha finaliza com as instruções recomendadas, nas páginas 95 e 96, sobre os modelos de lições. Segundo Araldo Barreto:

Com a devida autorização do Exmo. Sr. Dr. Director Geral do Ensino, transcrevemos aqui as instrucções recommendadas aos professores do Estado de S. Paulo, para o ensino da leitura pelo methodo analytico. Ahi estão contidos todos os conselhos que poderiam dar neste livro aos distinctos collegas. Por isso limitamo-nos apenas à transcripção. (BARRETO, 1930, p.96)

Embora ele defina que a educação trará a metodologia da instrução, infelizmente no exemplar que analisamos, ela não está localizada. Talvez as folhas tenham sido perdidas ao longo do tempo.

No texto “Modelos de Lições” vem transcrito o 1º passo, com a sugestão para que o professor instigue o aluno, observando objetos e, com isso, enunciando sentenças. Segundo as orientações, as primeiras lições devem enunciar cinco ou seis sentenças, que se relacionem entre si.

Também chama-nos a atenção o fato de que se deve ter em mente os dois fins da educação: o disciplinar e o instrutivo. Pensando assim, “*cada disciplina tem por objeto, além de treinar as faculdades mentais, acostumar o aluno a observar, raciocinar e a exprimir com clareza as suas idéias*” (p. 95). Sobre o método utilizado, Barreto diz que não se deve ensinar a criança a ler, na palavra ou sentença, as sílabas ou letras que a formam, mas a ideia e os pensamentos que encerram. Na última página vem o exemplo de cada lição, como podemos constatar:



(Imagem 14 – página 96 da Cartilha Analytica, Araldo Barreto, 1930)

Nas páginas do “Conselho de Instruções” dirigidas aos professores, Barreto prescreve que os alunos vão primeiro aprender a descrever coisas, encadeando ideias e formando textos, lendo-o várias vezes, reconhecendo frases na ordem e fora da ordem e depois, as palavras. Não há instruções de que o professor deve estabelecer uma correspondência sonora entre o que se fala e o que se escreve, nem para que se faça a separação gráfica de elementos sonoros. Porém há propostas para que se façam exercícios orais, comparando palavras entre si para ver suas semelhanças.

(...) constata-se que eram propostos quatro meses de trabalho no quadro-negro antes da entrega do livro impresso aos alunos. O trabalho do professor consistia em incentivar a observação mediante o uso de estampas ou objetos presentes na sua coleção particular, que se transformavam em textos de pelo menos seis ou cinco frases encadeadas, que viriam como respostas a perguntas dirigidas pelo professor a respeito das gravuras. As crianças decorariam as sentenças e as leriam de baixo para cima e de cima para baixo, reproduzindo oralmente o texto inteiro. Com a mesma estampa haveria uma ampliação das frases a cada nova lição (com descrições mais refinadas dos personagens, suas características e ações). Esta estratégia de produzir textos com as crianças em sala de aula objetiva que lessem primeiro o seu texto, para depois ler textos alheios. (FRADE, 2004, p.14)

Atentamos também a forma detalhada de como ele descreve passo a passo para os professores, inclusive trazendo as possíveis perguntas que devem ser feitas pelos professores e as possíveis respostas dos alunos. Segundo Frade (2004):

Essa pista pode ser interpretada de várias maneiras. Uma explicação talvez se deva ao processo de formação de professores para utilização dos métodos globais: não é preciso instruir em detalhes uma metodologia já apropriada pelos professores alfabetizadores. Uma segunda hipótese refere-se ao fato de que o detalhamento feito pelo autor indicava uma série de abordagens das relações entre sons e letras que deveriam ser feitas quatro meses antes do trabalho com o livro.” (FRADE, 2004, p.13)

A Cartilha Analytica, de Arnaldo Barreto, como o próprio título anuncia, enquadra-se no método analítico bastante incentivado pelo governo de São Paulo para adoção pelos professores, no início do século XX. Esse método, diferente dos sintéticos, parte do todo para as partes, procurando romper com o princípio da decifração. Segundo Frade:

Buscando atuar na compreensão, estes defenderam a inteireza do fenômeno da língua e dos processos de percepção infantil. Estes métodos tomam como unidade de análise a palavra, a frase e o texto e supõem que baseando-se no reconhecimento global como estratégia inicial, os aprendizes podem realizar, posteriormente, um processo de análise de unidades que dependem do método (global de contos, sentencição ou palavração) vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba. (FRADE, 2007)

Como esse método privilegia a análise, a Cartilha de Arnaldo Barreto tem como preocupação: textos, pequenas “histórias” formadas de frases e permitem uma análise da sílaba e fonemas.

Os princípios dos métodos analíticos nos apresentam outras dimensões do conteúdo de alfabetização, totalmente contrárias as dos métodos sintéticos, sendo outra porta de entrada na cultura escrita. Apesar da ênfase dada à leitura como fonte de prazer e a busca de significado, presentes nesta cartilha, não foi suficiente para enfrentar as críticas, principalmente referentes às dificuldades de enfrentar novas palavras levando ao desenvolvimento de um novo método global. Segundo Frade:

Nos métodos analíticos as estratégias de reconhecimento global também possibilitam a leitura rápida de palavras conhecidas e irregulares que, por sua vez, permite a liberação da decifração no momento da leitura, para o alcance mais rápido da compreensão. (FRADE, 2007, p. 35)

Se a Cartilha de Galhardo, pertencente ao acervo analisado, é um exemplo do método sintético, diferentemente a de Barreto ilustra o método analítico. Encontrar ambas no acervo de uma mesma pessoa parece apontar para a presença de vários métodos concomitantes em um mesmo período para usos escolares. Segundo Mortatti (2000) a partir de 1930, as cartilhas passam também a se basear em métodos mistos e ecléticos, que usam princípios analítico-sintéticos ou vice-versa.

5. Cartilha Intuitiva



(Imagem 15 – Capa da Cartilha Intuitiva, Faria e Souza, 1936)

A cartilha que faz parte do acervo, data de 1936, formulada por Júlio de Faria e Souza e publicada pela Livraria Editora Record, de São Paulo. Segundo consta, logo na primeira página, foi aprovada pela “*Comissão de Aprovação de Livros e Obras Didacticas da Diretoria Geral do Ensino do Estado de São Paulo*” e nesta mesma página encontramos o parecer dado por esta comissão:

“CARTILHA INTUITIVA, LEITURA INTERMEDIARIA e Instrucções Geraes - Júlio de Faria e Souza. A comissão é de parece que se approvem estes livros, a seu juízo excellentes. 30-8-1933. (aa) Octavio da Costa Silveira, José Ribeiro Escobar, Luiz Galhanone.” (FARIA E SOUZA, 1936)

Ainda nesta página, podemos verificar a data que seria da primeira publicação: dia 14-9-1933, data em que foi aprovada pelo Diretor Geral do Ensino, F.

Azzi, porém a cartilha que faz parte do nosso acervo não é um exemplar da 1ª edição, pois pertence ao ano de 1936.

No colorido da capa, diferente das outras cartilhas apresentadas, em que todas as ilustrações utilizavam-se apenas o contorno em preto sem o preenchimento interno de cor, sobressaem, em destaque, duas crianças, um menino, com idade aproximada de oito anos e uma menina, que aparenta ser mais velha, com idade provável de treze anos, ambas estão bem vestidas, bem penteadas, saudáveis, em uma paisagem tropical, onde podemos ver as folhas de bananeira e as casas ao fundo. O menino segura um livro aberto e parece que realiza uma leitura, enquanto a menina o observa (parecendo que ela observa o livro, seguindo-o em uma leitura silenciosa). Estaria verificando o que ele está lendo? Estaria lendo a ele? Acompanhando sua leitura passo a passo? O título aparece em letra cursiva, diferentemente das demais cartilhas analisadas que estão em letras impressas. Esta cartilha, assim como a de Arnaldo Barreto, é muito ilustrativa, trazendo sempre uma imagem em cada página. Mortatti (2000) traz um comentário de Roca Dordal, mostrando seu pensamento sobre as estampas (ilustrações): o autor explica que se houver um elo entre as estampas, melhor ainda haverá uma ligação que levará os alunos a ter maior interesse. Sendo assim, ao invés de o desenho ilustrar o texto, o texto é que se subordina ao desenho.

O exemplar analisado apresenta capa e contracapa. Porém, o estado de conservação do interior do livro não é muito bom, há páginas faltantes, com rasuras. Também apresenta marcas, possivelmente, de seu dono, como desenhos e pintura das ilustrações. Essas rasuras, folhas amassadas e faltantes pressupõem o uso mais intenso deste material. Podemos indagar se teria alguém sido alfabetizado por ele. Ou se ele teria sido apenas objeto de leitura e “brincadeiras de escola”. Porém,

na página que mencionaremos adiante, sob a dedicatória do autor, há a assinatura, o nome do dono desta cartilha: Milton Antonio Zugliani, que de acordo com informações coletadas, em entrevista, era irmão da dona do acervo, senhora Dalcy Zugliani.

Após a página de rosto da obra, lemos um texto escrito pelo autor em que afirma que a cartilha está dividida em duas fases. Esta cartilha traz o método misto: a primeira fase seria a Preparatória, dividida em dois períodos: 1º período – Dez Dias de exercícios orais, com objetivo de adaptar o educando ao ambiente escolar e prepará-lo para o período seguinte; 2º período – Dezesesseis Dias de exercícios no quadro negro e na cartilha, cujo objetivo seria de prosseguimento do trabalho de adaptação, relacionar o educando com os sons orais e com os principais sons consonantais e prepará-lo para a seguinte fase. Já a segunda fase conta com 16 lições, compreendendo cada uma os exercícios seguintes: *SENTENCIAÇÃO* – sentenças coordenadas, na forma de pequenas histórias; *PHRASEAÇÃO* – sentenças fraseadas, tiradas das histórias lidas; *PALAVRAÇÃO* – palavras semelhantes pela sílaba inicial, média ou final; *SYNTHESE* – palavras formadas com sons orais e consonantais; *DECOMPOSIÇÃO E RECOMPOSIÇÃO* – sentenças, palavras e sílabas associadas e dissociadas, jogos educativos; *RETROSPECTO* – reconhecimento de palavras e frases, sentenças novas, compostas com elementos de sentenças lidas; *LEITURA EXPRESSIVA*.

Na página seguinte o autor finaliza essa apresentação da cartilha com uma dedicatória ao seu “filhinho” (como menciona o autor) Luiz Gonzaga.

A 1ª fase (da página 9 à página 24) traz 15 lições, relacionadas ao 2º período descrito anteriormente, cujo objetivo é ensinar ao aluno os sons consonantais. Vejamos a primeira lição que está na página 9:



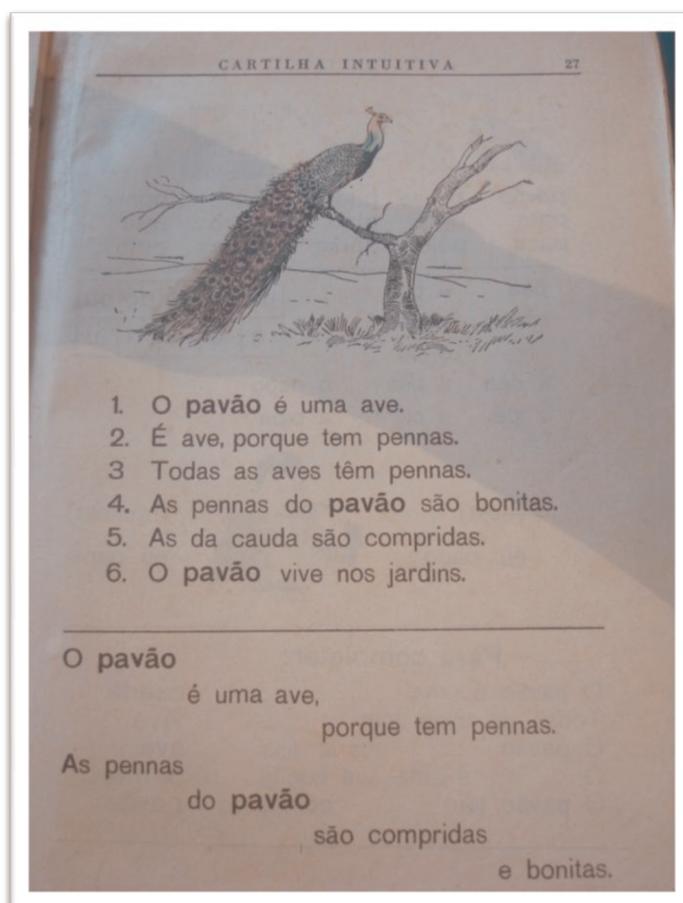
(Imagem 16 – Página 9 da Cartilha Intuitiva, Faria e Souza, 1936)

Nela vemos previamente uma ilustração de um pavão em cima de uma árvore sem folhas e um cenário sem vegetação. Abaixo desta ilustração, uma frase escrita em letra cursiva: “O pavão é uma ave” e na linha debaixo a palavra “pavão” é destacada, sendo escrita duas vezes: em letra cursiva e em letra impressa minúscula.

Essa estrutura se repete por todas as lições desta 1ª fase: em cima da folha uma imagem ilustrando o que o texto diz; abaixo dele vem uma frase; em seguida uma palavra é destacada e reproduzida nas letras cursiva e impressa. Depois vemos um quadro dividido em cinco colunas, cada coluna traz uma imagem acompanhada

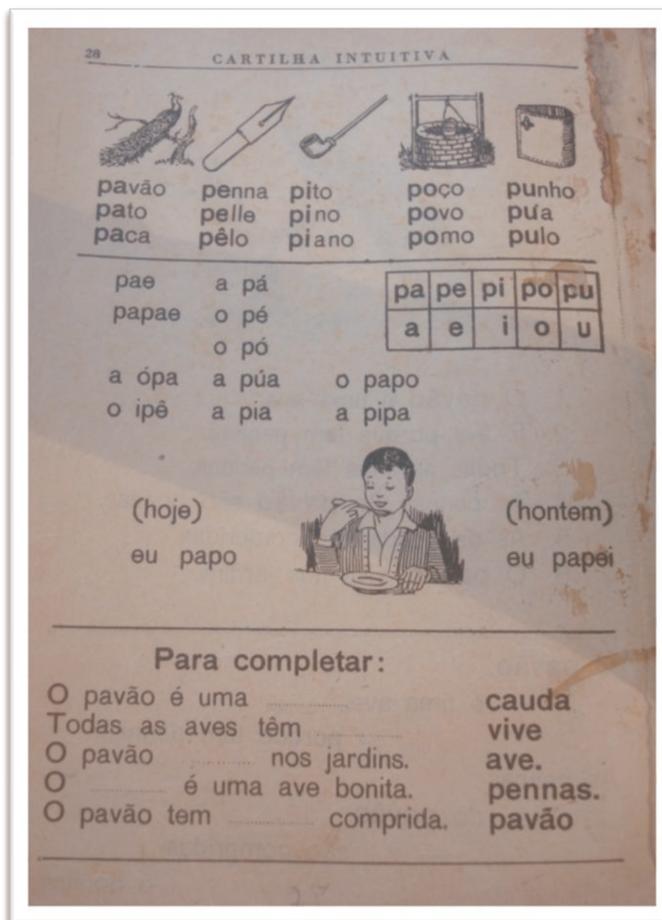
de seu nome (palavra), sua sílaba e suas vogais, escritas em letra cursiva e impressa. Por último, a sílaba vem escrita conforme dito anteriormente, das duas formas de letra, em minúsculo e maiúsculo. Nesse sentido temos a seguinte estrutura: imagem/frase/palavra/sílaba/letra. Este seria o método descrito pelo autor como 1ª fase: 1 frase + 1 palavra/ sílaba-letra.

A partir da página 27, começa-se a 2ª fase, composta por 16 lições e que termina na página 123. Essa parte traz a mesma imagem e frase inicial apresentadas na 1ª fase. Diferentemente, no entanto, a frase inicial “O pavão é uma ave” faz parte agora de um texto “descritivo”. Abaixo do texto, o autor traz duas frases compostas com palavras já lidas e dispostas na página:



(Imagem 17 – Página 27 da Cartilha Intuitiva, Faria e Souza, 1936)

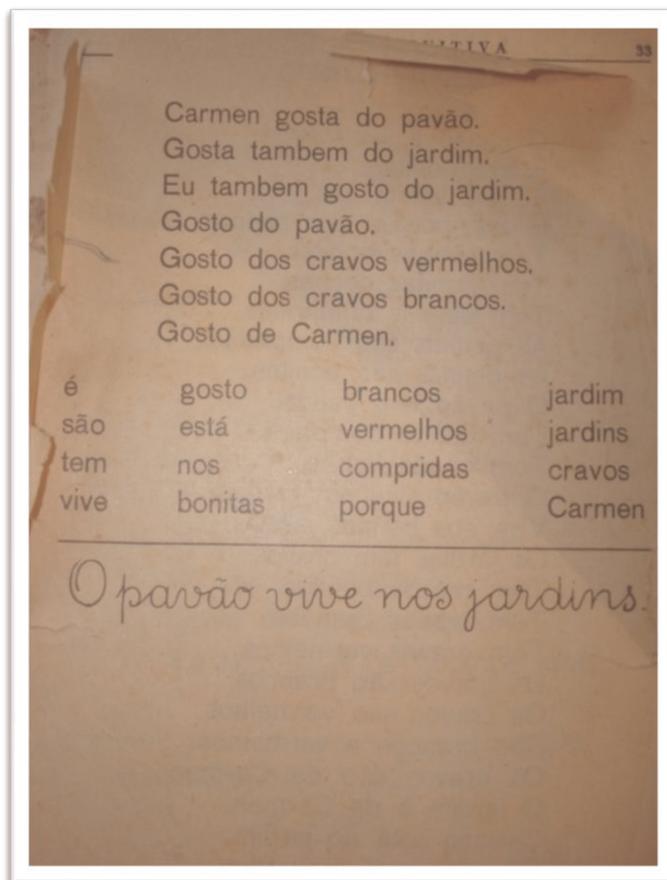
Na página seguinte (p. 28), novamente as imagens reproduzem as palavras escritas com a letra inicial em destaque: pavão, penna, pito, poço e punho. Essas palavras são seguidas de outras que começam com a mesma sílaba inicial. Abaixo, há um exercício para o aluno completar.



(Imagem 18 – Página 28 da Cartilha Intuitiva, Faria e Souza, 1936)

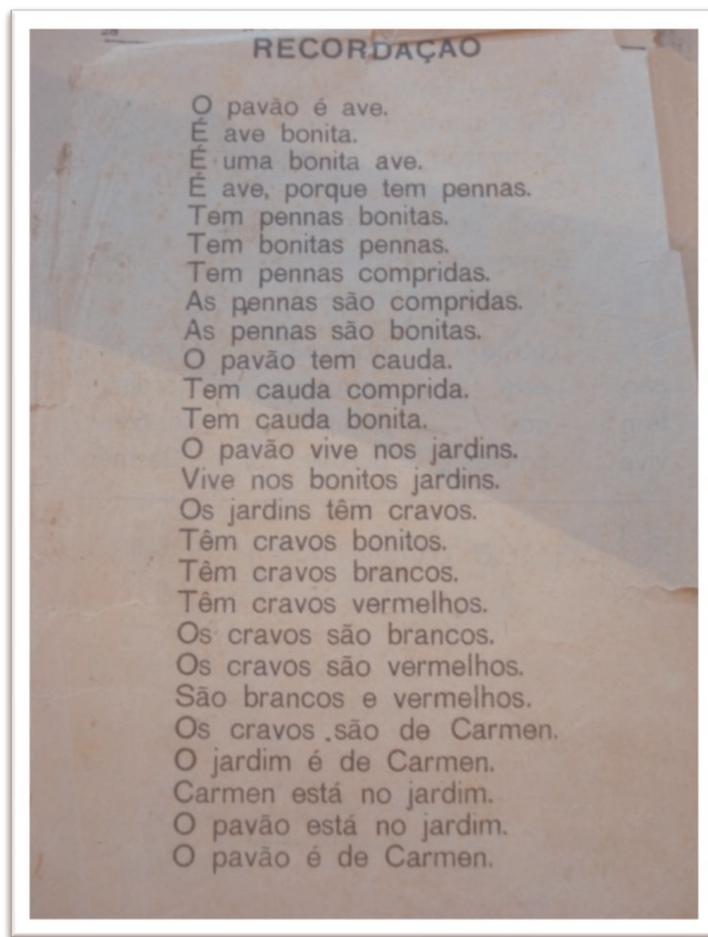
Na outra página (p.29), há um pequeno texto, composto por sete frases e cada frase vem em uma linha, seguido de palavras deste, colocadas em ordem aleatória. O jogo de frases, palavras e sílabas escritas uma abaixo da outra, em colunas, parecem dar destaque ao que se quer ensinar: leitura de frases, leitura de palavras, leitura de sílabas.

Termina com uma frase em letra cursiva:



(Imagem 19 – Página 29 da Cartilha Intuitiva, Faria e Souza, 1936)

Em seguida, vem a leitura expressiva, intitulada de “Recordação”, em que o autor relembra o aluno de algumas frases aprendidas anteriormente, como vemos na figura:



(Imagem 20 – Página 32 da Cartilha Intuitiva, Faria e Souza, 1936)

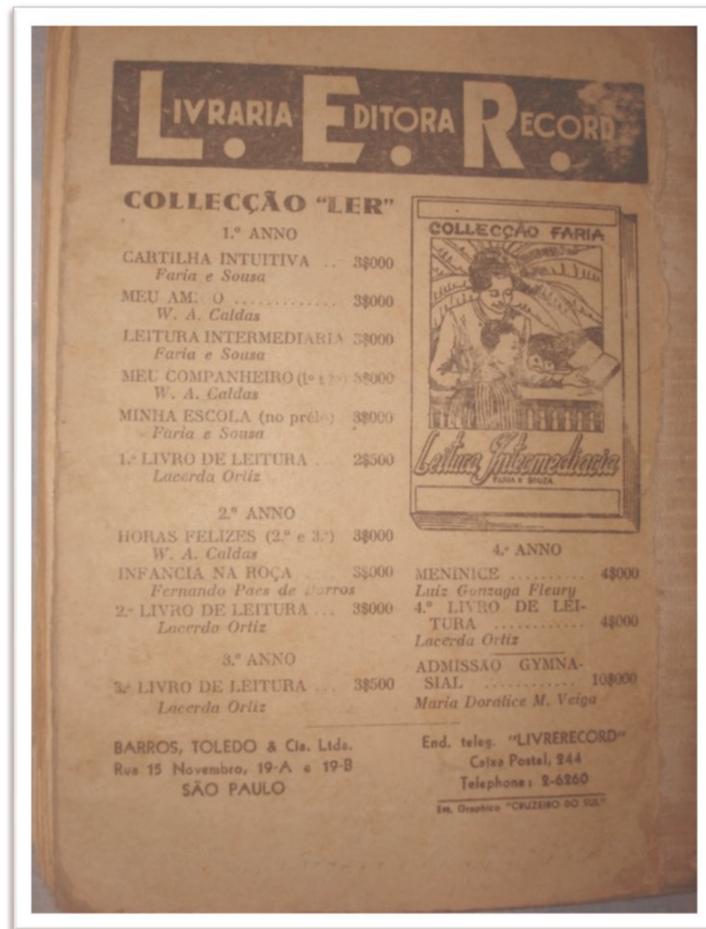
Temos essa estrutura da imagem acima no exemplar todo. Sempre há essa leitura intitulada “*Recordação*” depois das lições, apresentando um conjunto de frases muito próximas das que aparecem nesta figura ilustrada acima; as frases aparecem na mesma estrutura – são frases curtas, escritas na ordem direta: sujeito, predicado – mudando apenas o nome que identifica o sujeito ou as palavras que se referem aos objetos.

Há um texto mais longo, composto de frases curtas, uma abaixo da outra, com repetição de palavras e frases já conhecidas, provavelmente, de cor. Aqui podemos ver o método da 2ª fase descrita pelo autor: Texto – Frase – Palavra – Sílabas, incluindo verbos, artigos (o, a) e advérbios.

As lições estruturadas desta forma seguem até a página 123, acabando com a palavra ZABUMBA (mesma palavra terminada na 1ª fase).

Na página 124 o autor nos apresenta um texto, intitulada de *“Uma historinha”*. Nela aparece a história de um menino que agradece à mestra por saber ler. Assim o leitor que ao manusear o livro e que aprendeu a ler se identifica com a criança que também, no final do livro, aprendeu a ler graças à mestra. É uma estratégia utilizada pelo narrador de “espelhamento”, um jogo de identificação entre leitor e personagem principal.

Na página 125 aparecem as letras do alfabeto, em maiúsculo, minúsculo e em letra cursiva; acima de cada letra vem entre parênteses o seu som. Na página seguinte, que é a última do nosso exemplar, encontramos as mesmas letras do alfabeto, divididas em vogais e consoantes. E por fim, a contracapa:



(Imagem 21 – Contracapa da Cartilha Intuitiva, Faria e Souza, 1936)

O aluno que já aprendeu a ler tem na contracapa um convite à leitura da *Coleção Ler*, que traz propaganda de outras cartilhas, livros, de acordo com o grau (ano) de escolaridade.

6. Benedicto M. Tolosa

Segundo pesquisas realizadas no Wikipedia (internet) e em Mortatti (2000) Benedito Maria Tolosa nasceu em São Paulo, no final do século XIX e formou-se

pela Escola Modelo Caetano de Campos¹³. Na década de 1890 consolidava-se seu prestígio como autoridade intelectual da primeira geração de normalistas republicanos. Trabalhou com a grande educadora americana, Miss Bowne.

Fundou em Botucatu o Grupo Escolar Dr. Cardoso de Almeida. Posteriormente, em 1900, na cidade de São Manuel, São Paulo, fundou o Grupo Escolar Dr. Augusto Reis. Foi chamado depois a São Paulo pelo professor Oscar Thompson e trabalhou como Inspetor Geral de Ensino.

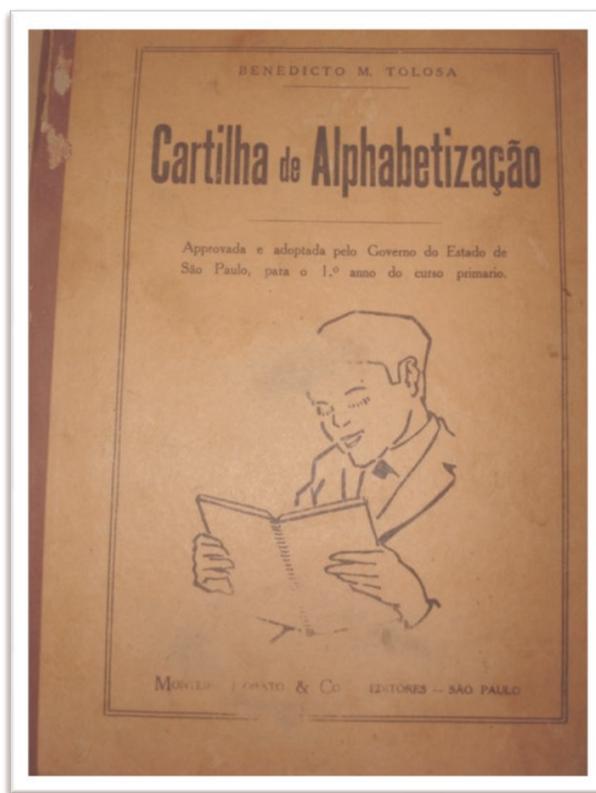
Foi redator efetivo das Comissões de Redação da Revista de Ensino em 1908 até, pelo menos, 1912. Seus serviços educacionais prestados à população foram como professor, diretor e inspetor de ensino.

Segundo Mortatti (2000):

Na Revista de Ensino, n.2, set. 1911, é publicado o primeiro de uma série de cinco artigos (n.3, dez. 1911; n.1, mar. 1912; n.1, jun. 1912; n.1 e 2, jun.-set. 1917), nos quais Tolosa, valendo-se de sua experiência como inspetor escolar, expõe considerações gerais a respeito do ensino da leitura pelo método analítico e uma série de lições apresentadas como orientações e sugestões dirigidas sobretudo aos professores novos e àqueles “vencidos e não convencidos” do método. (MORTATTI, 2000)

¹³ A Escola Modelo Caetano de Campo foi fundada em 1894 em São Paulo e teve um papel de destaque na história da educação no Brasil. Primeira escola normal do Estado, o Caetano de Campos tinha por objetivo formar professores que se encarregariam da disseminação dos conhecimentos necessários ao "Progresso" inscrito na nova bandeira do país. Era uma organização que se opunha à prática anterior do ensino individual, com preceptores educando a aristocracia, e ao ensino religioso. Nela vários educadores importantes formaram muitas gerações de professores que ocuparam cargos públicos, publicaram livros didáticos, participaram de debates para a melhora da educação no nosso país. Além de diversos artistas e escritores reconhecidos internacionalmente. Podemos citar alguns de seus alunos: Mário de Andrade, Cecília Meireles, Sérgio Buarque de Holanda, Guiomar Novaes, Sérgio Milliet, Lygia Fagundes Telles, entre outros. *Fonte:* <http://aprendiz.uol.com.br/content/sluwispicr.mmp>

6.1 Cartilha de Alfabetização



(Imagem 22 – Capa da Cartilha de Alfabetização, Benedicto M. Tolosa, 193?)

Esta cartilha encontrada no acervo se encontra em bom estado de conservação, apresentando apenas as páginas um pouco amarelas em decorrência do tempo. Não encontramos nela nenhuma existência de sua data de publicação, nem de sua edição.

Como vemos logo na capa, esta cartilha foi aprovada e adaptada pelo Governo do Estado de São Paulo, publicada pela Monteiro Lobato e Co. Editores¹⁴, de São Paulo e é destinada ao 1º ano do ensino primário. A capa traz como ilustração: a imagem de uma criança mais velha, um menino com trajes (terno e camisa) – talvez seria um uniforme - , lendo algo em o que parece ser um caderno,

¹⁴ Após sua estréia como escritor, Monteiro Lobato compra a *Revista do Brasil* e começa a editar seus livros pra adultos. Assim, em 1918 surge a Monteiro Lobato e Cia, primeira editora nacional (até então os livros eram impressos em Portugal). Em 1925, após a falência da editora, funda a *Companhia Editora Nacional*, com mais dez sócios.

talvez também uma cartilha. Parece estar bem atento à leitura, com a postura de segurar a cartilha diante dele, em um momento de compreensão, com as pálpebras dos olhos mais baixas, indicando uma leitura. Esta é uma cartilha que traz muitas ilustrações, sendo 42 ao todo.

Logo na página seguinte, abaixo do nome do autor, Benedicto Tolosa, vem transcrita sua função ocupada no magistério público: de inspetor escolar.

Na apresentação de sua obra, o autor transcreve aos leitores as razões que o levaram a escrevê-la. A primeira razão: as várias e insistentes solicitações de alguns colegas para que concretizasse suas ideias de acordo com o método analítico em uma cartilha para o 1º ano primário. Em segundo, o autor descreve que, com as orientações sobre o processo analítico de leitura para principiantes, do educador Thompson, ele pôde perceber as dificuldades que seus colegas encontravam ao educar seus alunos de 1º ano.

E por fim, observando o sucesso de algumas salas e o insucesso de outras, Tolosa e seus colegas conseguiram formar um *“sistema razoável de ensino de leitura, de perfeito acordo com o desenvolvimento infantil”* (TOLOSA, 193?, p.5). Também acredita que o quadro-negro é o melhor instrumento que o educador pode utilizar, por isso o sistema que adaptou foi para ser desenvolvido nele.

Para Tolosa, conforme ele diz no texto de “Apresentação”, nas páginas iniciais deste exemplar, alfabetizar não é apenas ensinar a ler por processos mecânicos, mas sim um ato complexo, que deve desenvolver no aluno todas as suas capacidades “para a conquista inteligente do meio”. Com esta afirmação, ele está sugerindo que sua cartilha vai em direção diferente dos métodos de leitura em uso nas escolas da época, que investem na memorização, decoração e exercícios repetitivos.

Apoiado no decreto de nº 3.356 de 1921, que identifica como alfabetizado aquele que sabe ler, escrever e fazer contas, o autor destaca que alfabetizar é mais do que isto. Para ele, não saber ler era aquele que não possuísse uma boa linguagem, ou seja, quem não desenvolvesse o vocabulário pré-escolar; que não fizesse uso da fala, leitura e escrita em propriedade: “Alphabetizar é, pois, um acto que se desdobra em muitos outros, dos quaes, no sentido mais restricto, são principaes – ensinar a falar bem, a ler bem e a escrever bem” (TOLOSA, 1922).

Tolosa, ainda na apresentação, retoma que o sistema de leitura que ele e seus colegas organizaram em sua cartilha não é um trabalho original, mas sim o resultado da observação do trabalho de centenas de colegas, em diferentes classes e diferentes meios, ampliando assim a autoria para o reconhecimento de um trabalho coletivo.

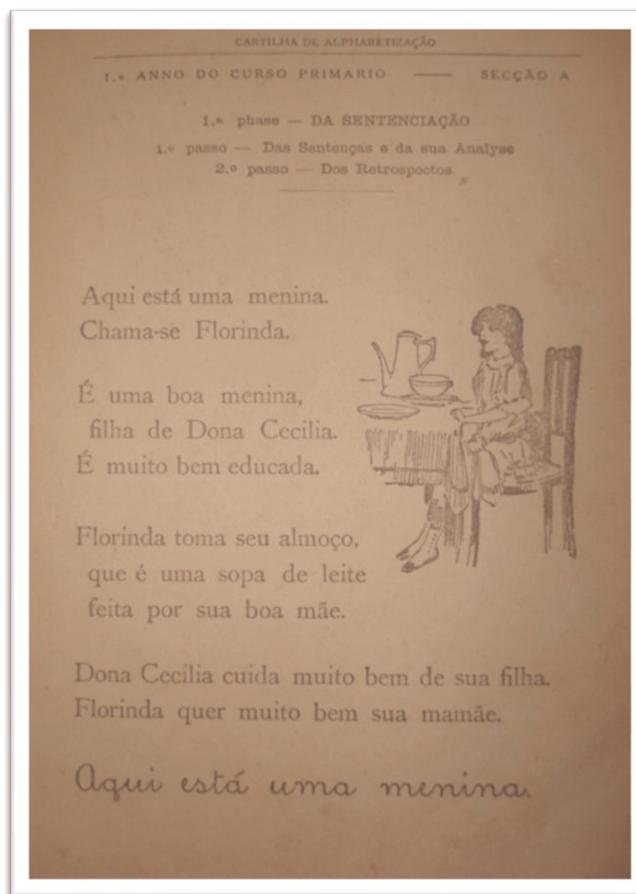
Segundo a explicação da finalidade de sua cartilha, ele destaca ainda que este material ancora-se no método analítico de leitura – com exercícios de observação e ainda de linguagem - e também no ensino da escrita (caligrafia).

A nossa Cartilha de Alphabetização pretende desenvolver o vocabulário preescolar fazendo o alumno falar bem; pretende deixar o alumno lendo bem, graças aos exercícios de observação e de analyse que encerra sobre a linguagem, sem descurar de alguns exercícios de calligraphia, como introducção à linguagem escripta. (TOLOSA, 1922, p.6)

O autor termina essa apresentação dedicando a obra a todos os seus colegas de magistério público o fruto do seu trabalho, que para ele, nada mais é do que a concretização do que já é feito há longo tempo, amplamente adotado e experimentado nas escolas.

Esta Cartilha é dividida de forma parecida com a Cartilha Intuitiva, de Faria e Souza, também analisada neste trabalho, porém estruturada de forma diferente, com conteúdo diferente, composto de lições criadas especialmente para esta obra.

Antes de começar a lição, o autor apresenta a divisão das fases: a primeira lição constitui a 1ª fase – DA SENTENÇIAÇÃO; 1º passo – Das sentenças e de suas análises; 2º passo – Dos retrospectos. Na página 7 encontramos a primeira lição:



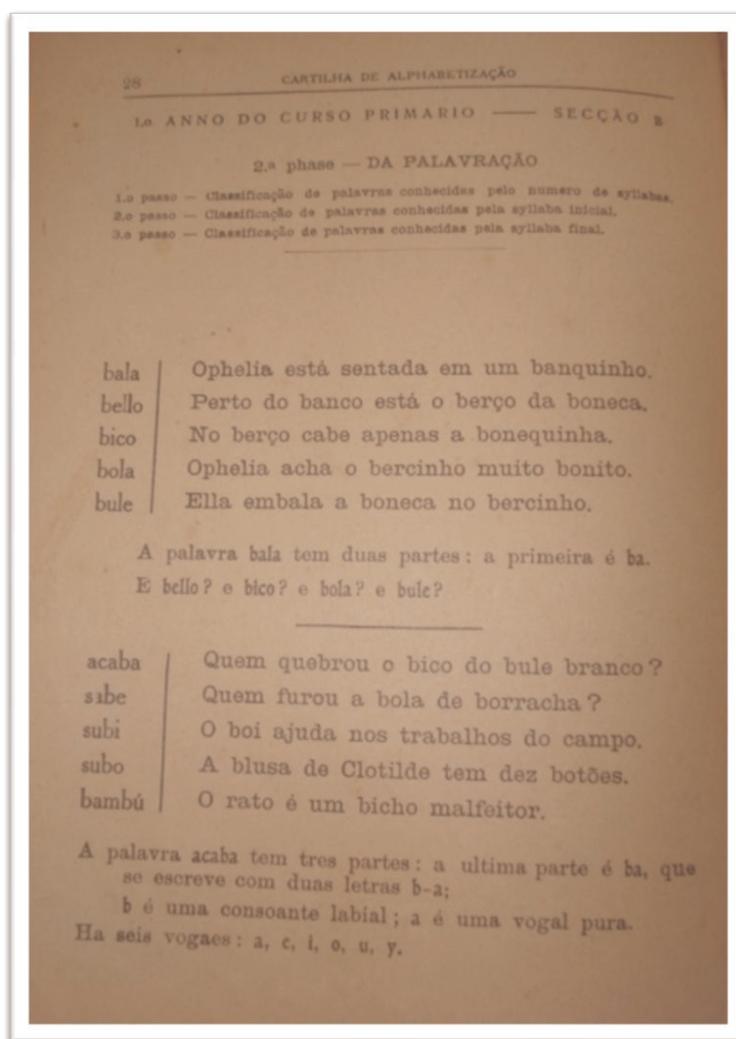
(Imagem 23 – Página 07 da Cartilha de Alfabetização, Benedicto M. Tolosa, 193?)

Nela vemos uma imagem de uma menina comportadamente sentada diante de uma mesa posta para o almoço, ilustrando o texto. Deposto em frases curtas, duas a duas, a “historieta” conta sobre a menina Florinda, filha de Cecília, educada e boa, com bons gostos quanto à alimentação e a postura para se alimentar corretamente.

Da página 7 até a 27 todas as lições têm a mesma estrutura composicional: pequenas frases formam um texto e a última linha, no pé da página em letra cursiva,

repete a primeira linha: “Aqui está uma menina”. Nesta primeira parte da Cartilha temos, portanto, o ensino da leitura iniciado por frases que compõem um texto.

A partir daí, na página 28, começa uma 2ª fase, em que o ensino está baseado na leitura de unidades menores da língua: Da Palavração; 1º passo – Classificação de palavras conhecidas pelo número de sílabas; 2º passo – Classificação de palavras conhecidas pela sílaba inicial; 3º passo – Classificação de palavras conhecidas pela sílaba final. Como por exemplo:



(Imagem 24 – Página 28 da Cartilha de Alfabetação, Benedicto M. Tolosa, 193?)

Neste exemplo temos duas pequenas histórias, com cinco frases em cada uma; a estrutura desta etapa segue como o exemplo acima, porém seguindo a orientação anterior: primeiro pela classificação pelo número de sílabas, seguido da classificação pela primeira sílaba e pela última, posteriormente. No meio dessa estrutura, a com pequenos textos e frases, encontramos algumas figuras, ilustrando-os. E assim seguimos até a página 47.

Na página 48, deparamo-nos com o Alfabeto, em letras maiúsculas, e minúsculas em letra bastão e em letra cursiva, seguida dos numerais.



(Imagem 25 – Página 48 da Cartilha de Alfabetização, Benedicto M. Tolosa, 1937)

Na página 49 começa o 4º passo – Classificação de palavras conhecidas pelas flexões. Seguindo a mesma estrutura anterior, com frases, textos, imagens e pequenas histórias até a página 87.

Na página seguinte o autor apresenta “*Como se devem praticar as lições da cartilha de Alfabetação*”, mostrando como o professor deve proceder em cada passo e dá as direções gerais para o uso da cartilha, orientando os modos de aplicação do método passo a passo.

A cartilha encerra-se na página 96, seguida a contracapa, com algumas rasuras.

7. Cartilha Meu Amigo



(Imagem 26 – Capa da Cartilha Meu Amigo, Valfrdo A. Caldas, 193?)

Esta cartilha faz parte da Coleção “Caetano de Campos”, publicada pela Casa Siqueira Salles Oliveira e Cia. Ltda. O exemplar estudado é da 5ª edição, porém nele não é informado o seu ano, acreditamos que seja em torno de 1934/35, já que no

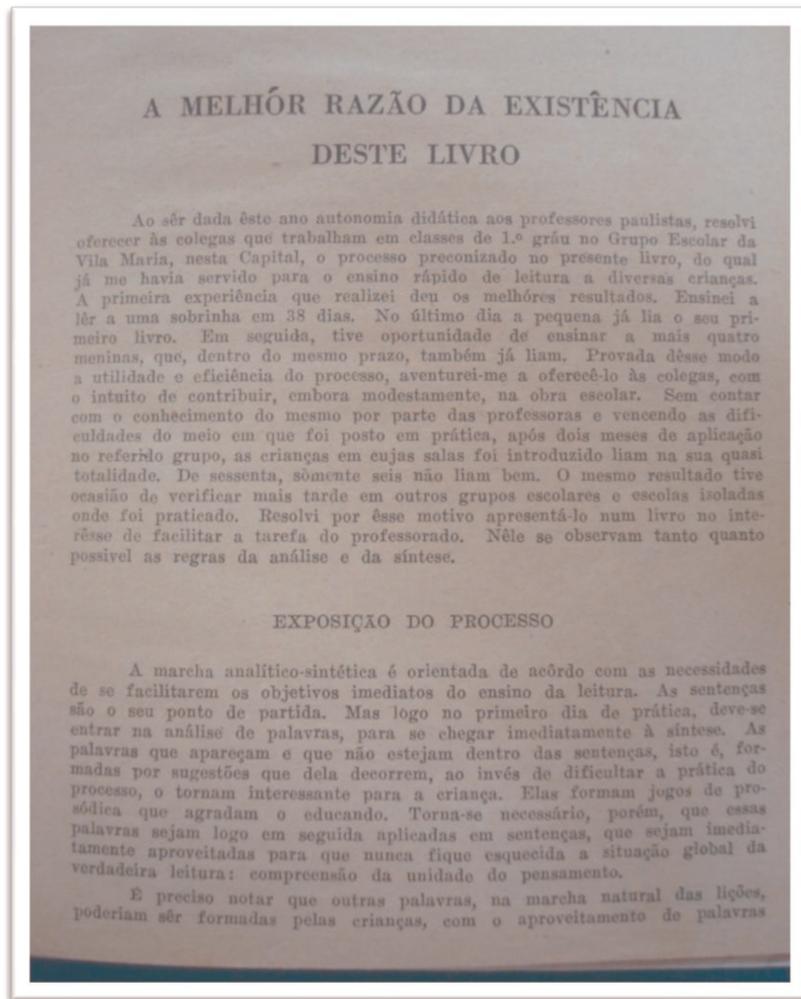
seu interior há uma dedicatória de Valfredo Arantes para o dono do exemplar, Victor Bambini, datada de 12/05/1934.

Esta obra é uma cartilha Analítica- Sintética aprovada pela Diretoria Geral do Ensino. (No final da apresentação, a data é de 1931, sugerindo, assim, que o 1º exemplar tenha sido publicado nesta época).

Este exemplar apresenta uma capa colorida e contracapa; encontra-se em bom estado de conservação, porém apenas com algumas figuras “descascadas”. Sua capa traz como ilustração a imagem do rosto de uma menina sorridente, de rosto corado, cabelos curtos, loiros, encaracolados e olhos azuis, com olhar direcionado para o seu leitor.

Na página 3, no texto intitulado “*A melhor razão da existência deste livro*” o autor nos apresenta questões sobre a Cartilha. Ele explica o que o levou a escrever este livro. Segundo o autor, no ano que foi dada aos professores paulistas a autonomia didática, ele decidiu oferecer aos professores de 1º Grau, seus colegas, no Grupo Escolar da Vila Maria, em São Paulo, o processo que está presente nesta obra, com a qual ele próprio já havia se servido para o ensino rápido de leitura a diversas crianças. Ele relata sua experiência com crianças, uma delas, sua própria sobrinha, que aprendeu, com ele, a ler em trinta e oito dias.

No texto encontra-se o subtítulo “*Exposição do Processo*”, em que Caldas apresenta o método que norteia a produção da obra: a marcha analítica- sintética. Segundo ele, tal método tem como objetivo aprimorar e facilitar o ensino da leitura e por isso as sentenças são o ponto de partida, seguindo-se da análise das palavras, para chegar à síntese.



(Imagem 27 – Página 03 da Cartilha Meu Amigo, Valfrdo A. Caldas, 193?)

O autor chama a atenção para o fato de que o professor deve saber “o que” ensinar e “quando” ensinar, limitando-se a fazer o que for estritamente necessário.

Segundo ele:

O conhecimento é auto-criação. Conclusões impostas não vão fazer parte da sua capacidade assimiladora. É preciso deixar que, por associações ou pelo sentido, os educandos “descubram”, “tirem” palavras. Faz-se mister, por isso mesmo, o uso constante de artifícios dentro da própria leitura, lembrar sempre associações da forma escrita, com objetos do conhecimento das crianças. (CALDAS, 193?, p. 4)

O processo de aprendizagem, segundo Caldas, deve basear-se nas associações das palavras escritas com os objetos de conhecimento das crianças, de forma que elas aprendam com sentido e que descubram por si só as palavras.

De acordo com o autor, o professor deve, também, estar atento a outras particularidades. Por exemplo, quando ensinar a palavra “gato”, deve chamar a atenção do aluno, fazendo-o observar como o “g” se parece com o rabo do gato, ou o “f” com a faca, etc. Ele sugere que o professor vá além, realizando diversos exercícios na lousa, não se limitando apenas a “passar a lição”; o professor deve sempre estimular o aluno. A demora que ele terá em cada lição dependerá da capacidade do aluno.

Para Caldas, o professor também não deve preocupar-se a com o ensino das cinco combinações (BA-BE-BI-BO-BU), mas com a combinação contida na palavra dada. Nesta direção ele enfatiza o desenho como elemento importante para a aprendizagem escrita e como estímulo ao aluno.

Na página 5 deste exemplar, o autor dá sugestões de como o professor deve proceder, frisando que ele pode mudar sempre que preciso, ou seja, deve-se buscar sempre o que é viável para sua sala de aula, para seus alunos. A Cartilha seria, assim, apenas um guia, não precisando (ou melhor, não devendo) ser seguida “a risca”.

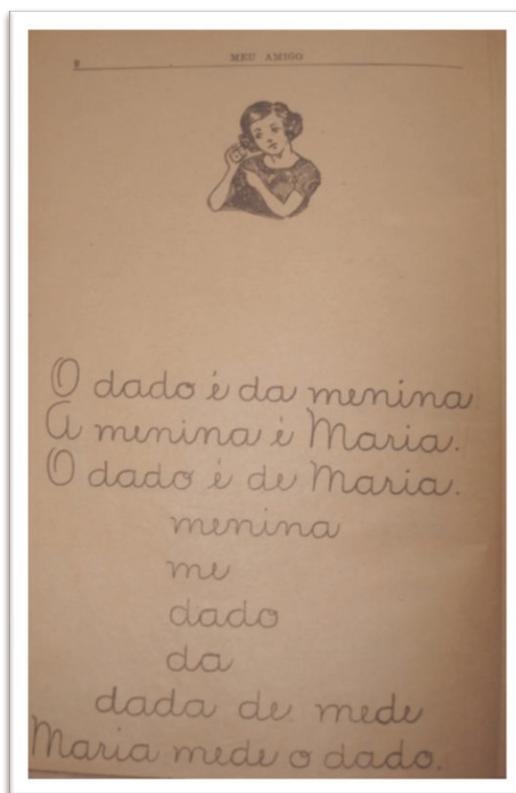
Diferentemente das demais cartilhas em que o autor agradece e dedica sua obra aos seus colegas, Caldas agradece a seus alunos. No subtítulo “*A colaboração da criança neste trabalho*”, encontrado na página 6, ele informa que as histórias do livro, a capa e o nome foram escolhidas por alunos do 2º grau (total de 250 alunos participaram deste processo). Ele termina sua apresentação da cartilha agradecendo a todos que o ajudaram, afirmando que o escreveu sem pretensões, apenas com o pensamento voltado aos interesses da educação.

As lições começam na página 7. Elas são, primeiramente (até a página 12), estruturadas da seguinte forma, em letra cursiva, com uma ilustração acima do texto, conforme o exemplo:

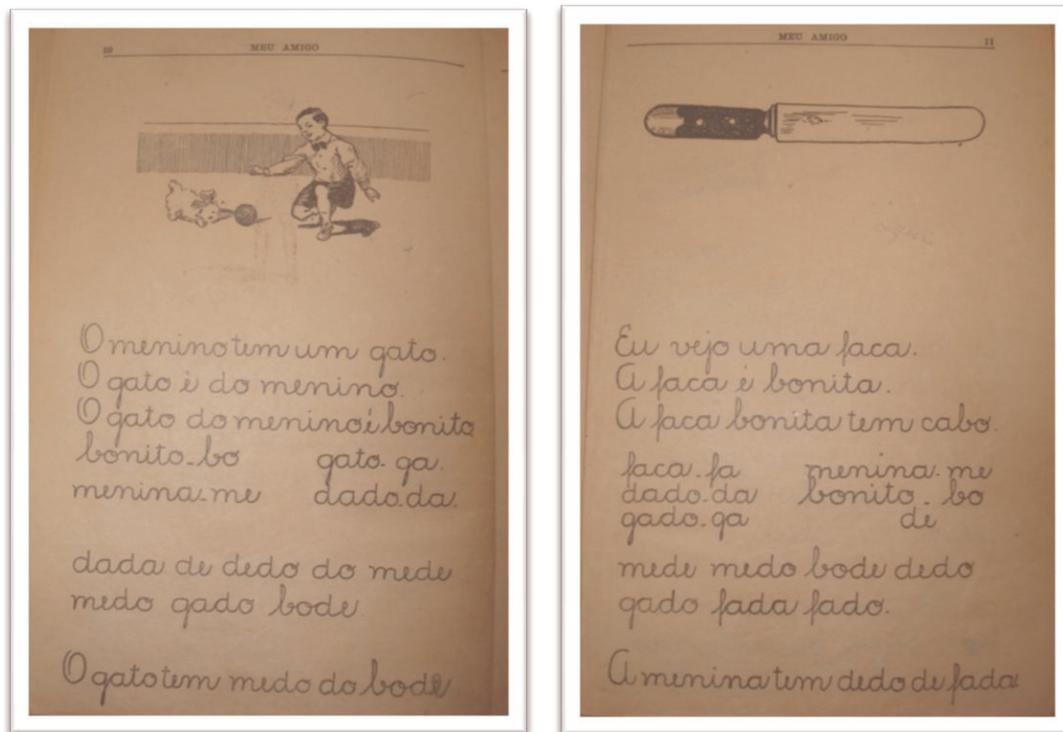
Eu vejo uma menina.
A menina tem um dado.
O dado é da menina.
 dado dada.
 da
A menina é dada.

(Exemplo – Página 07 da Cartilha Meu Amigo, Valfrdo A. Caldas, 193?)

A partir da página seguinte, as frases, sempre em letra cursiva, continuam contextualizando com a ilustração, porém abaixo delas aparece uma palavra em destaque, seguida por sua primeira sílaba; outra palavra em destaque, seguido de sua primeira sílaba, e assim por diante, como os exemplos:



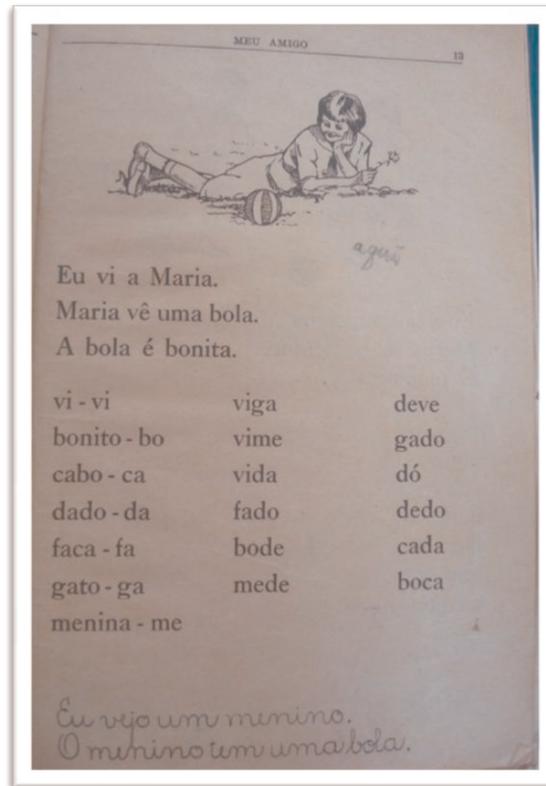
(Imagem 28 – Página 08 da Cartilha Meu Amigo, Valfrdo A. Caldas, 193?)



(Imagens 29 e 30 – Páginas 10 e 11 da Cartilha Meu Amigo, Valfrido A. Caldas, 1937?)

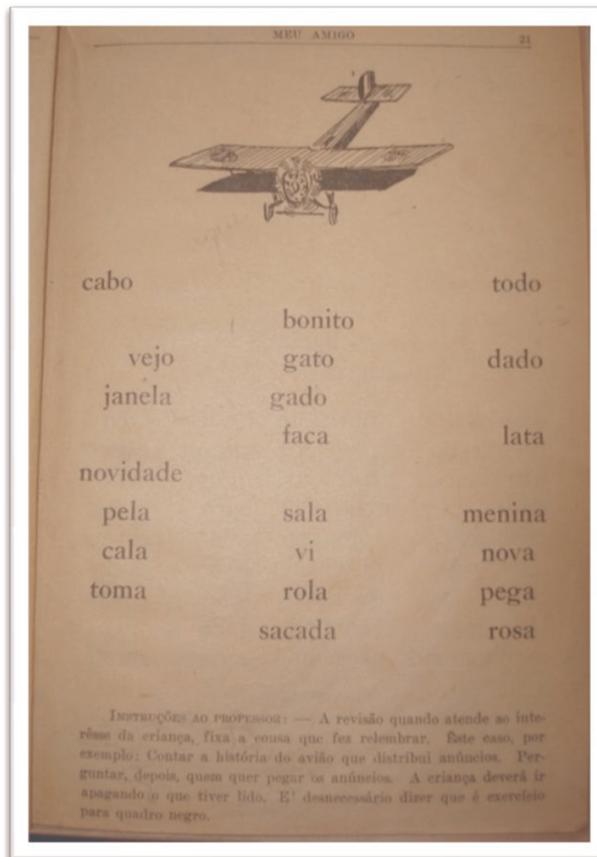
Nestes exemplos podemos ver a figura da menina segurando o dado; do menino com seu gato e de uma faca. As figuras vêm para ilustrar o texto. Podemos perceber o “porquê” do título da cartilha ser escrito em letra cursiva: o método utilizado por ele começa a ensinar pela letra cursiva, sendo apresentada a letra impressa posteriormente, conforme ele expõe no texto de “Apresentação” da cartilha.

É a partir da página 13 que a letra utilizada (não sendo mais a cursiva) e a estrutura dos textos são mudadas. Primeiramente nos é apresentada, como antes, uma figura ilustrando o texto que é curto, composto por três pequenas frases. A seguir apresentam-se três colunas: na primeira são dadas palavras seguidas de sua primeira sílaba; na segunda e terceira aparecem algumas palavras. Logo abaixo, aparecem duas frases em letra cursiva, como podemos observar na figura:



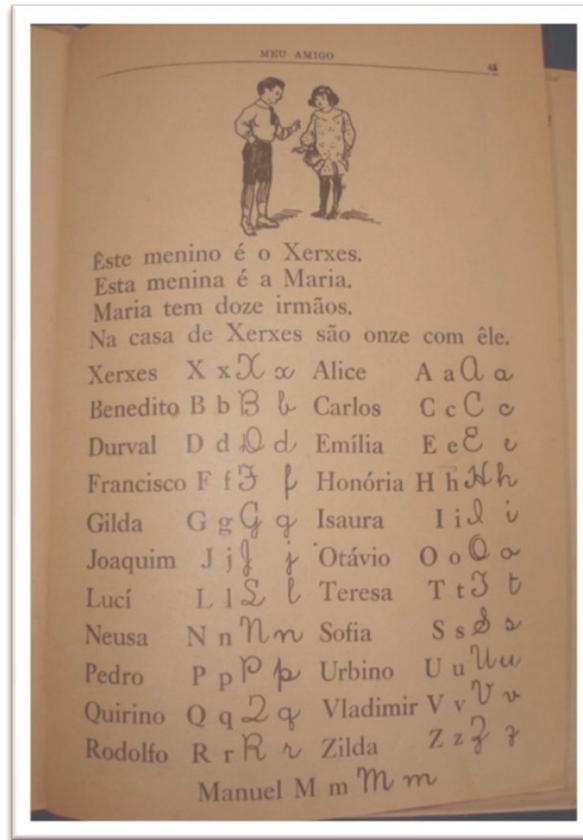
(Imagem 31 – Página 13 da Cartilha Meu Amigo, Valfrdo A. Caldas, 1937?)

Conforme as páginas vão aumentando, também o vão as palavras apresentadas após as frases, assim as lições vão ficando mais extensas, dificultadas. Seguimos assim até a página 44, porém apenas na página 21 encontramos uma estrutura diferente, como podemos ver na figura a seguir:



(Imagem 32 – Página 21 da Cartilha Meu Amigo, Valfrdo A. Caldas, 1937)

Na página 45 vemos a figura de um menino e uma menina, seguido de quatro frases, dizendo seus nomes e quantos irmãos cada um tem. Logo abaixo, apresentam-se ao leitor alguns nomes em letra impressa e cada nome traz ao seu lado sua primeira letra (tanto em letra impressa/cursiva e maiúsculo-minúscula).

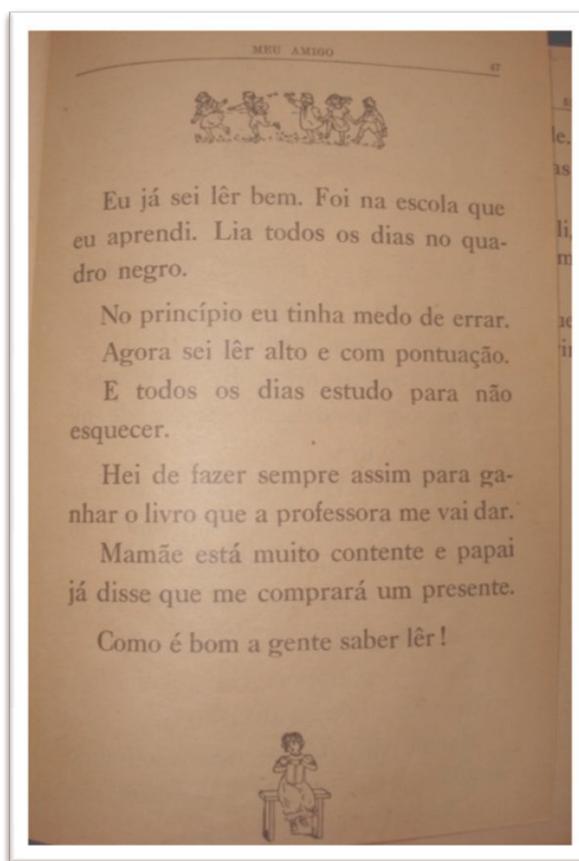


(Imagem 33 – Página 45 da Cartilha Meu Amigo, Valfrdo A. Caldas, 193?)

A partir da página 46 nos são apresentadas, nos textos, pequenas histórias, mostrando os bons hábitos, como é bom saber ler, ter bom comportamento e estudar. Também traz textos ligados à cidade: entender o trânsito, por exemplo, ou passear e frequentar lugares urbanos. A primeira história traz a importância das cores do semáforo: Vermelho – perigo; Amarelo – cuidado; espere; Verde – pode seguir. A segunda, a importância de ir à escola, pois foi lá que o escritor aprendeu a ler; a terceira conta a história de uma criança que foi passear com sua mãe na cidade, viu diversas coisas bonitas e ganhou uma boneca pelo seu bom comportamento; e por fim, a última conta a história de uma criança que ganhou um livro de sua professora e viu que, mesmo achando difícil no começo, conseguiu lê-lo, mostrando a todos da sua família, inclusive para os irmãos que também o adoraram. O menino, ao apresentar o livro aos familiares, destaca suas lições, as ilustrações

bonitas e termina dizendo que irá guardá-lo para que seu irmão mais novo possa também aprender a ler por ele.

Novamente, o autor usa a estratégia de “espelhamento”. A criança lê a última história que traz um personagem que se alfabetizou através de um livro; provavelmente, a própria cartilha.



(Imagem 34 – Página 47 da Cartilha Meu Amigo, Valfrdo A. Caldas, 193?; segunda historia mencionada acima)

E por fim a contracapa, que traz todas as obras da “Coleção Caetano de Campos”, ordenado pelos graus de escolaridade: 1º grau, 2º grau, 3º grau e 4º grau. Apresenta o título da obra, o autor e o preço de cada uma. Segue a ilustração:

COLEÇÃO "CAETANO DE CAMPOS"		
PRIMEIRO GRAU		
TÍTULO DA OBRA	AUTOR	PREÇO
Cartilha do Operário	Teodoro de Moraes	20000
Cartilha Infanti	Carlos A. Gomes Cardin	20000
Cartilha Fácil	Cláudio Soares	20000
Cartilha do Lar	J. Pinto e Silva	18000
Cartilha Escolar	"	18000
Parte de Lettura	João Oliveira Góes	20000
Cartilha Prática	Antônio F. de Moraes	20000
Meu Livro 1.º	Teodoro de Moraes	20000
Meu Amigo	Valfredo A. Caldas	20000
Meu Compagno (1.º Livro)	"	20000
Minhas Letras	João Oliveira Góes	18000
Minhas Histórias (1.º Livro)	Orlando M. de Moraes	20000
Minhas Leituras 1.º	H. Oliveira - E. Dardal	20000
SEGUNDO GRAU		
Meus Livros 2.º	J. Pinto e Silva	20000
Minha Patrão 2.º	"	20000
Meu Livro 2.º	Teodoro de Moraes	20000
Minhas Letras	Arquilo Góes	20000
Histórias Infantis	Orlando M. de Moraes	20000
Minhas Leituras 2.º	H. Oliveira - E. Dardal	20000
Leturas do Operário	Teodoro de Moraes	20000
Rondando	Estevão Lacerda	20000
Fóruns de Invenção	Cláudio Soares	20000
TERCEIRO GRAU		
Minha Patrão 3.º	J. Pinto e Silva	20000
Meus Livros 3.º	"	20000
Cartas Escolares	Arquilo Góes	20000
Minhas Leituras 3.º	H. Oliveira - E. Dardal	20000
Leturas Simples	Orlando M. de Moraes	20000
Rondando 1.º e 2.º	Estevão de Toledo	20000
Brasil Escolas	Cláudio Soares	20000
QUARTO GRAU		
Meus Livros 4.º	J. Pinto e Silva	20000
Minhas Leituras	Antônio F. de Moraes	20000
Almas Sensíveis	Luiza H. F. de Góes	40000
Almas do Meu País	José V. Serpa Pinto	40000
Vozes	Estevão de Toledo	20000
Sete Patriotas	Antônio Faria	20000
São Paulo e Suas Grandezas	Arquilo Góes	20000
Mutildade	Mariano de M. Santos	20000
A Palha Algodão	Arquilo O. Barreto	20000
Zoológico	Carlos de Barros	20000
Minhas Telenovelas	Teodoro de Moraes	20000
O Ensino de Música pelo Método Auditivo	Carlos A. Gomes Cardin e João Gomes Junior	20000
Comunicações Cívicas e Festas Escolares	Carlos A. Gomes Cardin	20000
Tradições Nacionais	"	20000
Complexos Escolares	João Gomes Junior	20000

(Imagem 35 – Contracapa da Cartilha Meu Amigo, Valfredo A. Caldas, 193?)

8. Valfredo A. Caldas e Faria e Souza

Não foi possível encontrar dados sobre a biografia de Valfredo Caldas e Júlio de Faria e Souza, apesar de insistentes buscas em internet, bibliotecas, artigos, teses, livros, enfim, em diferentes fontes sobre métodos de alfabetização, cartilhas ou de biografia sobre educadores do período histórico em que as obras deles foram publicadas. O que fica perceptível é que esses autores, assim como suas obras, ficaram “perdidos no tempo” e esquecidas na história da alfabetização.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do conjunto de cartilhas encontradas no acervo, **uma**, a Cartilha da Infância, baseia-se no método sintético, **duas**, Cartilha Analytica e Cartilha de Alfabetização, apresentam o analítico e **duas**, Cartilha Intuitiva e Cartilha Meu Amigo apresentam o método misto: sintético – analítico. Como todas as edições dos exemplares analisadas foram produzidas entre o período de 1929 a 1936, podemos inferir que o método analítico parece ter tido mais aceitação no mercado editorial e circulação no ambiente escolar.

Também podemos constatar que na história da alfabetização, segundo Mortatti (2000) métodos distintos coexistiram simultaneamente. Embora o Estado aprovasse, indicasse a adoção de um determinado método em um determinado período, outros continuavam a ser publicados e, provavelmente, utilizados para a alfabetização de nossas crianças.

Deste conjunto de cartilhas, encontramos somente autores paulistas, que conforme Mortatti (2000) circularam por todo o país por um longo tempo, tendo diversas edições. Todas foram publicadas por homens e indicadas como opção de adoção pelos professores através da aprovação do governo.

Analisando um pouco sua estrutura, especificamente a capa de cada cartilha, podemos perceber que apenas duas trazem sua capa colorida, sendo elas, as mais recentes do acervo (1935 e 1936). Geralmente, as cartilhas traziam em sua capa, crianças, meninos e meninas em idade escolar.

As cartilhas de alfabetização trazem uma linguagem “forçada”, textos que priorizam o ensino de determinadas sílabas, letras. Trazem textos “sem sentido”, pobres de vocabulário, com pouca coerência entre o que as ilustrações e os textos

expressam, não trazendo preocupação com elementos coesivos de modo a formar um enredo interessante para o leitor; além de trazerem conteúdos de cunho moral, religioso, cívico. A maioria das crianças era exposta a exercícios de memorização das letras / sílabas ligadas a determinadas palavras, a cópias, sem estímulos para uma compreensão com maior significado. As cartilhas não traziam propostas de produção de texto ou escritas espontâneas para os alunos: “A cartilha é algo contraditório tendo em vista que ensina os alunos a silabarem e depois quer que eles leiam com fluência.” (CAGLIARI, 1998, p.85).

Apesar de várias críticas, atualmente, sabemos que as cartilhas ainda continuam sendo utilizadas nas salas de aula, seus métodos ainda estão presentes no ambiente escolar, mesmo que de forma “mascarada”. O que podemos inferir é que os professores ficam, muitas vezes, presos às orientações das cartilhas, restritos ao seu conteúdo e propostas de exercícios, e assim, pouco colaboram para que as crianças dominem com competência e segurança as práticas sociais de leitura e de escrita. Conforme Soares: “(...) a população, embora alfabetizada, não dominava as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita.” (SOARES, 2004, p.6).

A história da alfabetização no Brasil, no período das cartilhas estudadas, se concentrou na disputa entre os métodos tradicionais (analíticos e sintéticos). Porém, a partir dos anos de 1980 surgem, no Brasil, os resultados dos estudos de Emília Ferreiro, trazendo uma nova abordagem do processo de aquisição da língua escrita pela criança. Conhecida como “construtivismo”, essa abordagem tornou-se o principal referencial teórico sobre alfabetização. Segundo Soares (2004):

Não é necessário retomar aqui a mudança que representou, para a área da alfabetização, a perspectiva psicogenética: alterou profundamente a concepção do processo de construção da representação da língua escrita, pela criança, que deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita – concepção presente nos métodos de alfabetização até então em uso, hoje designados “tradicionais” e passa a sujeito ativo capaz de progressivamente (re)construir esse sistema de representação, interagindo com a língua escrita em seus usos e práticas sociais, isto é, interagindo com material “para ler”, não com material artificialmente produzido para “aprender a ler”. (SOARES, 2004, p.10)

Atualmente, surge na história da alfabetização um novo conceito: o letramento. Com ele, ao refletirmos em “como alfabetizar”, devemos pensar em alfabetização e letramento como processos indissociáveis e interdependentes, diferente da concepção tradicional de alfabetização (métodos sintéticos e analíticos), apresentada neste trabalho, que os veem como dois processos independentes: a alfabetização sendo a aquisição do sistema de escrita, ler como decodificação e o escrever como codificação, sempre precedendo o letramento. Na concepção atual, um não precede o outro, ambos acontecem simultaneamente.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – *a alfabetização* – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – *o letramento*. (SOARES, 2004, p.14)

A alfabetização é um processo, que implica o desenvolvimento de diversas etapas que não se dão, necessariamente, de forma linear. A aprendizagem da leitura e escrita se dá de forma particular em cada pessoa.

Ao finalizar, acredito ser importante destacar a aprendizagem que obtive no decorrer do trabalho. Ele contribuiu para minha formação profissional, possibilitando minha primeira experiência em elaborar uma pesquisa. Além de me possibilitar conhecer mais sobre os métodos de alfabetização, sobre seus autores e sobre a

história da alfabetização no país. Isso ampliou minhas perspectivas que tinha no início do trabalho, e agora vejo o quanto me apropriei de um conhecimento bastante significativo para uma pedagoga que deverá lidar com questões ligadas à alfabetização.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. **Cartilhas pra quê?** / Lázara Nanci de Barros. Cuiabá; EdUFMT, 2002. 202p.

_____. **Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso 1910 – 1930** / Lázara Nanci de Barros Amâncio. – Cuiabá, EdUFMT, 2008. 256 p.

ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski. **Cartilha Ada e Edu: produção, difusão e circulação (1977 – 1985)** / Cancionila Janzkovski Cardoso. – Cuiabá: EdUFMT, 2011. 218 p.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo: Scipione, 1998, 399p.

_____. **O que é preciso saber para ler**. In: CAGLIARI, Gladis Massini; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. São Paulo: Fapesp, 1999 (Coleção Leituras do Brasil).

CALKIM, Lucy Mc Cormick. **Crianças produtoras de texto: a arte de interagir em sala de aula**. Porto Alegre, RS; Artmed, 2008. 237 p.

Correa, Jane and MacLean, Morag. **Aprendendo a ler e a escrever: a narrativa das crianças sobre a alfabetização**. *Psicol. Reflex. Crit.*, 1999, vol.12, no.2, p.273-286. ISSN 0102-7972

COSTA, Franciane Martins da. **Bibliotecas particulares: uma leitora “comum” do século XX** / Franciane Martins da Costa. - Campinas, SP, 2012.

COSTA, Sharlene Marins Costa e ANTUNES, Helenise Sangoi. **Um olhar reflexivo sobre o histórico dos métodos de alfabetização**. Disponível em:

http://www.nre.seed.pr.gov.br/toledo/arquivos/File/olhar_reflexivo_sobre_historico_m_etodos_alfabetizacao.pdf Acesso: 15/08/2012.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita**. Emília Ferreiro e Ana Teberosky; trad. De Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 248 p.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**/ Emília Ferreiro – 25ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleção questões da nossa época; v. 6).

FRADE: Isabel Cristina Alves da Silva. **Cartilha Analytica publicada pela Francisco Alves: aspectos da materialidade entre ordenamentos pedagógicos e editoriais**. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/isabelcristina.pdf> Acesso em: 15/08/2012.

_____. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais**. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2007/01/a2.htm> Acesso em: 08/05/2012.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. **O livro: objeto de estudo e de memória de leitura** / Ilsa do Carmo Vieira Goulart, Campinas – SP, 2009, 191 p.

MESSEMBERG, Cyntia Grizzo. **Um estudo sobre Na Roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury** / Cyntia Grizzo Messemberg –Marília, 2008.

MONTEIRO, Maria Carmelita Leme. **Vamos alfabetizar: cartilha**. São Paulo, SP: Loyola, 1991. 77p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular**. Cad. CEDES vol.20 nº.52 Campinas Nov. 2000

_____. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **Os sentidos da alfabetização: (São Paulo / 1876 – 1994)** / Maria do Rosário Longo Mortatti. – São Paulo: editora UNESP, 2000.

PAIVA, Celia Regina Colferai. **Cartilhas de alfabetização: adotivas / adotantes** / Celia Regina Colferai de Paiva. Campinas, (SP: s/n), 1991.

PFROM Netto, Samuel. **O livro na educação**, por S.P. Netto, Cláudio Zaki Dib e Nelson Rosamilha. Rio de Janeiro, Primor/INL, 1974. 256 p. ilustr.

ROCHA, Elenice; RODRIGUES, Fabiana. **As cartilhas no processo de alfabetização**. REVISTA CIENTÍFICA ELETÔNICA DE PEDAGOGIA – ISSN: 1678-300x. Ano V – Número 09 – Janeiro de 2007 – Periódicos Semestral. Disponível em: <http://www.revista.inf.br/pedagogia09/pages/artigos/edic09-anov-art02.pdf> Acesso em: 12/09/2012.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 14ª ed.

SANTOS, Luana Grazielle dos. **Um estudo sobre Cartilha da Infância (188?), de Tomaz Galhardo** / Luana Grazielle dos Santos. – Marília, 2008.

SCHEFFER, Ana Maria Moraes; ARAÚJO, Rita de Cássia Barros de Freitas e ARAÚJO, Vivian de Carvalho. **Cartilhas: das cartas ao livro de alfabetização**. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sen10pdf/sm10ss20_40.pdf Acesso: 18/05/2012.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a Alfabetização como processo discursivo**. 12. ed. - São Paulo: Cortês; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e Letramento**. 5ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf/> Acesso em: 10/10/2012.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1988.

11. ANEXO I

Catálogo Completo do acervo doado

LIVROS

TÍTULO	AUTOR	EDITORA/EDIÇÃO
A Crase	Cândido de Oliveira	Serviço Social da Indústria – Subdivisão de Ensino e Cultura
A namorada do Sapo – Contos Infantis	Sebastião Fernandes	Edições Pongetti
A nova ortografia da nossa língua	B. Bueno de Moraes	Edições e Publicações Brasil
Arithmetica Progressiva	Antonio Trajano	Francisco Alves – 66ª ed.
As férias no Pontal	Rodolpho von Ihering	Secção Editora – Typographia
Atlas Escolar Brasil (2ª Parte)	A. G. Lima	Edição da Livraria do Globo
Atlas Histórico Geográfico para uso das escolas do Brasil	João Soares	Livraria Sá da Costa – Editora – 2ª ed.
Breves Lições de História do Brasil	Creso Braga	Typographia Piratininga
Cartilha Analytica	Arnaldo de Oliveira Barreto	Livraria Francisco Alves – 32ª ed.
Cartilha da Infância	Thomaz Galhardo	Livraria Francisco Alves – 141ª ed.
Cartilha de Alfabetação - 1º Ano Primário	Benedicto M. Tolosa	Monteiro Lobato & Cia
Cartilha Intuitiva - Ensino Alfabetação	Faria e Souza	Livraria Editora Record – 3ª ed.
Compêndio de História Universal	P. Rafael M. Galanti, S. J.	Typographia Siqueira – 6ª ed.
Contos Patrios (Para Crianças) - Educação Moral e Cívica	Olavo Bilac e Coelho Netto	Livraria Francisco Alves – 19ª ed.
Corações de Crianças - Leituras Preparatórias	Rita de M. Barreto	Livraria Francisco Alves – 48ª ed.

Curso Prático de Português		
Curso Prático de Português		
Emília no País da Gramática	Monteiro Lobato	Companhia Editora Nacional – 4ª ed.
Fábulas	Monteiro Lobato	Companhia Editora Nacional – 8ª ed.
Geografia do Brasil	Delgado de Carvalho	Companhia Editora Nacional – 3ª ed.
Gramática Latina	P. João Ravizza	Escolas Profissionais Salesianas – 9ª ed.
História da Civilização	Joaquim Silva	Companhia Editora Nacional 4ª ed.
Histórias de Tia Anastácia	Monteiro Lobato	Companhia Editora Nacional – 9ª ed.
Leitura I	Erasmus Braga	Companhia Melhoramentos de S. Paulo – 51ª a 60ª ed.
Leitura II	Erasmus Braga	Companhia Melhoramentos de S. Paulo – 29ª ed.
Leitura III	Erasmus Braga	Companhia Melhoramentos de S. Paulo
Leituras Simples - 3º e 4º Graus	Orlando Mendes de Moraes	Typographia Siqueira – 15ª ed.
Lindas Histórias (Livro sem Capa, o título apresentado está escrito a mão).		
Livro das Fábulas	Fred Jorge	Editora Prelúdio
Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias	Olavo Bilac e Manoel Bomfim	Livraria Francisco Alves – 9ª ed.
Methodo de Calligraphia "De Franco" Sempre é Tempo	Antônio de Franco	Edições do Autor "de Franco" – 5ª ed.
Meu Amigo - cartilha Analítico-Sintética	Valfredo Arantes Caldas	Casa Siqueira – 5ª ed.
Novo Atlas de Geographia	J. Monteiro e F. d'Oliveira	Livraria Francisco Alves
O Segrêdo da Acentuação Gráfica	Antônio de Souza Leal	Editora Anchieta S/A
Páginas Infantis	Presciliana Duarte de Almeida	Escolas Profissionais Salesianas
Recitativos - Pela	Aida Maragliano	

Instrução		
Sombras que Vivem	João Toledo	Livraria Francisco Alves – 4ª ed.

ALMANAQUES

TÍTULO	RESPONSÁVEL	LABORATÓRIO/EDIÇÃO
Almanaque Capivarol	Francisco Xavier Schaefer	Laboratório Capivarol LTDA – ANO 42
Almanaque Catedral	Bernardo Guertzenstein	Laboratório Vegetal Catedral
Almanaque da Saúde da Mulher		Farmácia São Pedro – 51ª ed.
Almanaque Renascim		Laboratório Catarinense S. A. – 23ª ed.
Almanaque Renascim		Laboratório Catarinense S. A. – 28ª ed.

OUTROS MATERIAIS

TIPO DE MATERIAL	TÍTULO	RESPONSÁVEL / ANO
Álbum de Poemas e Sonetos Escritos a Mão		1932-1933
Caderno "Pensamentos Célebres - Coletânea de Recortes de Jornal		
Caderno de Análises - Poemas Escritos a Mão com Anotações de Entonação de Voz, Expressões Faciais e Corporais		
Caderno de Apontamentos - Poemas Escritos à Mão		1944

Caderno de Declamação - Poemas Escritos a Mão com Anotações de Entonação de Voz, Expressões Faciais e Corporais		1962
Caderno de Mapas Diversos		
Caderno de Poemas Escritos à Mão		
Caderno de Poemas Escritos à Mão		1943
Caderno de Poesias		1962-1964
Caderno de Sonetos e Poesias Escrito a Mão		1927
Caderno "Saudades de Meus XV Anos"		1935-1937
Cartão - SESI	Educando e instruindo, o SESI prepara hoje os técnicos de amanhã	
Folheto - Bayer	Saiba que...	
Folheto - Campanha Civilisadora da CIVILISAÇÃO BRASILEIRA	As Frangas e... Os Livros	
Folheto - Energiol	Os nossos mais belos POEMAS	
Folheto - Jânio Quadros	Para seu Governo	
Folheto - Singer	O BRASIL através do Livrinho Singer	
Jornal - Literatura, Novidades, Propaganda	O 420	Pedro Nelasco de Barros - 1935
Livrinho da Bandeira Única	Offerta do Sabonete Eucalol á nova geração Brasileira	
Livrinho da Bandeira Única	Offerta do Sabonete Eucalol á nova geração Brasileira	

Fonte: COSTA, Franciane Martins da. **Bibliotecas particulares: uma leitora "comum" do século XX** / Franciane Martins da Costa. - Campinas, SP, 2012.